

EDITORIAL

Profa. Dra. Sueli Soares dos Santos Batista¹

O objetivo principal desta edição é celebrar os dez anos de existência da Faculdade de Tecnologia de Jundiaí, O lançamento desta edição faz parte de uma série de ações que visam comemorar este aniversário. Para uma instituição acadêmica, uma das melhores formas de comemorar é produzir para a comunidade interna e externa, avaliando o que é produzido na perspectiva de uma instituição pública que prioriza a qualidade em todos os aspectos de sua atuação. Considerando do ponto de vista do ensino, da pesquisa e da extensão, este número especial da Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura aborda a educação tecnológica na sua historicidade, nos seus marcos legais, avaliando o caráter estratégico que a determina.

Assim a edição se inicia com o artigo do Prof. Dr. Ângelo Luiz Cortelazzo que insere a história do surgimento dos cursos de graduação tecnológica na perspectiva mais ampla do desenvolvimento do ensino universitário até a reforma de 1968, destacando-se o processo de expansão das unidades do Centro Paula Souza nos últimos dez anos.

A Profa. Ms. Jucelaine Lopes de Oliveira, considerando a construção de modelos alternativos que impactem de forma positiva na atuação de uma organização, apresenta e avalia a educação tecnológica como a chave para gerar competitividade, relacionando-se a tudo o que propicie e garanta a capacidade transformadora das organizações.

De um ponto de vista mais amplo, estes dois primeiros artigos apontam para o caráter estratégico da educação tecnológica, seja do ponto de vista do contexto da formação em nível superior, seja na sua importância para a formação e atuação profissional propriamente ditas. O artigo dos Profs. Ms. Adaní Cusin Sacilotti, Ms. Benedito Aparecido Cristiano Petroni, Ms. Carlos Eduardo Schuster e Ms. Claudio Luiz Vieira de Oliveira, dentro desta mesma perspectiva avaliam de maneira mais específica a formação do profissional tecnólogo na área de Tecnologia da Informação, trazendo contribuição importante para os estudos sobre a relação entre inovação tecnológica, formação profissional e empregabilidade.

O que é a Fatec Jundiaí neste universo? Qual seu diferencial? Para que e para quem ela existe e deve continuar existindo? Em que medida o processo de expansão de suas unidades tem colocado ao Centro Paula Souza questões institucionais importantes quanto à sua identidade e o seu papel social? Estas são as questões tematizadas no artigo de minha autoria e do Prof. Ms. Emerson Freire. Através de um resgate histórico a partir

¹.Em conjunto com o Prof. Ms. Emerson Freire, a partir de maio de 2012, é editora da Revista de Tecnologia e Cultura e coordena o Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade da Fatec Jundiaí, desde 2008.

de artigos de jornal, de imagens, de relatos orais, este artigo insere a questão da memória e da construção da identidade, em que comemorar representa avaliar e reavaliar permanentemente.

Memória e identidade aparecem também no texto da Profa. Dra. Livia Maria Louzada Brandão, que em seu artigo demonstra como “o curso de Eventos da Fatec Jundiaí chamou para si a construção de uma identidade”.

Chamar para si (para o seu universo de pesquisa, para a sala de aula, na aproximação com os mais variados setores da sociedade civil) este compromisso com a melhoria contínua da educação tecnológica. Esta é a tônica de todos os artigos, como um fio que atravessa todos eles. Fala-se de uma história que precisa ser estudada, contada e feita cotidianamente pelos seus atores. Estes atores são os sujeitos da educação tecnológica. Não só os seus fazedores, mas aqueles que pensando sobre ela, são capazes de transformá-la.

O núcleo de toda essa discussão, o que a mobilizou do ponto de vista institucional é o aniversário da Fatec Jundiaí. Mas não podemos deixar de mencionar a importância deste espaço que é a Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura. A revista está em seu quarto ano.

No editorial de lançamento, a Profa. Ms. Marianna Lamas, entusiasticamente, afirmou:

Esta iniciativa enche a mim e toda a comunidade acadêmica de expectativas quanto à criação de um meio de comunicação e divulgação da produção científica que se avoluma em várias instituições, estimulando o debate acadêmico acerca da temática de Tecnologia e Cultura em suas diferentes dimensões. Mais que isso, esta revista visa contribuir para a crítica e proposição de modelos de intervenção, servindo de orientação para políticas públicas e privadas (Editorial, RETC, 2009).

Naquela ocasião, a editora da *Revista* também destacava a orientação pluralista do periódico que deveria permitir obter grandes resultados na análise e reflexão da realidade. Nesta edição comemorativa dos dez anos, em que a Fatec Jundiaí passa por um processo importante de mudanças, saudamos a Profa. Ms. Marianna Lamas que tão bem conduziu a revista no período de 2009 até meados de 2012, comprometendo-nos em consolidar cada vez mais esta orientação pluralista e reflexiva. Nosso reconhecimento ao Prof. Dr. Antonio César Galhardi que, em sua gestão, não mediu esforços para que a *Revista* existisse e continuasse existindo.

A expectativa é que esta edição comemorativa possa ser sim um importante documento para a Fatec Jundiaí e para a *Revista*. Mas que também seja um importante instrumento e/ou ponto de partida para os que militam na educação tecnológica, não só para interpretá-la, mas para transformá-la.

Acredito que não pode ser de outra forma para uma publicação que assume o compromisso de ser um espaço de debate acadêmico sobre as relações entre Tecnologia e Cultura. De outra forma também não pode ser a educação profissional e tecnológica, como afirma Eliezer Pacheco, em seu livro lançado no II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, realizado em Florianópolis-SC, em 2012: a educação profissional e tecnológica deve sim preparar para o mercado de trabalho, mas também ter o compromisso de proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, habilitando as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas.

Que venham os próximos dez anos! Parabéns, Fatec Jundiaí!

Junho de 2012

AS GRADUAÇÕES TECNOLÓGICAS NO CONTEXTO DA EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Angelo Luiz CORTELAZZO

Coordenador da Unidade de Ensino de Graduação do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS, São Paulo, SP, Brasil.

e-mail: alcortelazzo@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo faz um rápido histórico do desenvolvimento do ensino universitário no mundo, até a reforma universitária de 1968 no Brasil, enfocando o surgimento dos cursos superiores de tecnologia. Em seguida, discute a finalidade do ensino superior brasileiro e os tipos de cursos previstos na atual legislação. Finalmente traça uma rápida linha do tempo desde a criação das primeiras Faculdades de Tecnologia do Centro Paula Souza até os dias atuais.

Palavras chave: Ensino superior, Graduações tecnológicas, FATECs, CEETEPS, cursos superiores.

ABSTRACT

This paper presents a short description of higher education development in the world up to the university reform in Brazil in 1968, focusing on the rise of higher education technological courses. The purpose of higher education in Brazil and the types of courses provided in the current legislation are also discussed. Finally it presents an outline of history since the creation of the first Faculties of Technology of the Centro Paula Souza until today.

Key words: Higher education, FATECs, CEETEPS, Faculties of Technology; Undergraduate courses.

1. Histórico

Apesar da existência de cursos que poderiam ser considerados superiores, mesmo vários séculos antes de Cristo, e de não haver consenso entre os pesquisadores quanto ao surgimento da Universidade, pode-se dizer que as primeiras organizações conjuntas e mais estruturadas dos cursos superiores datam do século IX, com a Universidade de Constantinopla, (848 dC) e Universidade de Karueein (859 dC) em Fez, no Marrocos. No século X, é criada a Universidade Al-Ashar (988 dC) na cidade do Cairo, no Egito, mas é na Europa, em plena Idade Média (século XI), que se estrutura de forma mais organizada em Bolonha (1088) na Itália e depois em Paris, na França, e em Oxford, na Inglaterra, as que são consideradas as mais antigas Instituições Universitárias do mundo. Inicialmente sob a proteção da Igreja e, posteriormente, da nobreza, contemplavam as áreas da Teologia, do Direito e das Artes. A partir destas foram se estruturando outras universidades no continente europeu, como a de Modena, Pádua, Nápoles e Siena na Itália, Cambridge na Inglaterra, Salamanca e Valladolid na Espanha e Montpellier e Toulouse na França, que se tornaram as precursoras de toda a estrutura universitária que se espalhou por toda a Europa, ainda na Idade Média (D'IRSAY, 1993).

As transformações que vieram com o Renascimento e, posteriormente, com a Revolução Industrial, transformaram as universidades em instituições com uma maior diversidade em sua constituição, seja pela influência do humanismo reinante, seja a partir da introdução das ciências experimentais e astronomia. Tendendo ao financiamento estatal como na França e Alemanha, ou ao financiamento individual de nobres e burgueses como na Inglaterra, novas estruturas foram se desenvolvendo e consolidando a organização das universidades modernas (TRINDADE, 1999).

Dentre muitos, dois modelos merecem destaque: a) o da universidade francesa, estatal e fortemente utilizada pelo império para a formação profissional, com controle dos docentes enquanto instrumento da viabilização de uma formação mais atrelada aos interesses do estado. Foi na França que se originaram as primeiras “faculdades isoladas” para o ensino universitário, inclusive para a formação de professores; b) o da universidade alemã, com maior liberdade acadêmica aos cientistas, tratando o ensino e a pesquisa como aspectos de um único saber e fazer universitários, com o Estado financiando o seu funcionamento mas, em contraposição às escolas profissionais francesas, com uma maior autonomia frente ao governo (WEBER, 1989). Segundo PAULA (2003), o modelo alemão enfatiza a importância da pesquisa na universidade, a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa, e a formação; no modelo francês, há dissociação entre universidades que praticam primordialmente o ensino de outras, voltadas para a pesquisa e a formação profissional de alto nível. Ainda segundo a autora, o modelo francês “volta-se para a formação especializada e profissionalizante, via escolas isoladas; o alemão enfatiza a formação geral, científica e humanista, com enfoque na totalidade e universalidade do saber e na consequente importância da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como órgão central da universidade”.

Contrariamente à política portuguesa de ocupação, nas colônias espanholas a partir do final do século XV, a fundação de universidades ocorre quase concomitante à Europa. A Universidade de Santo Domingo na República Dominicana foi fundada em 1538 e a Universidade de São Marcos, no Peru, em 1551; também são do século XVI as fundadas no México e na Colômbia e, pouco depois, ainda na primeira metade do século XVII, as primeiras universidades na Argentina, Equador, Chile e Bolívia. Nos Estados Unidos, quando Harvard foi criada, em 1636, já existia mais de uma dezena de universidades latino americanas. Infelizmente o progresso das universidades de origem

hispânica foi muito limitado e, apenas no século XX elas começaram a se modernizar e reestruturar.

No Brasil, apesar de serem criados os primeiros estabelecimentos de ensino no final do século XVIII, com a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, no Rio de Janeiro em 1792, com as primeiras escolas médicas, também no Rio de Janeiro e em Salvador em 1808, somente após a Independência, em 1827, foram criadas duas Faculdades para o oferecimento do curso de Direito, em Olinda e em São Paulo.

Não se tem consensuado qual teria sido a primeira universidade brasileira: Em 17 de janeiro de 1909 foi criada a Escola Universitária Livre de Manaus (Manaus, AM) congregando cursos da área de Humanas, Exatas e Biológicas. Depois disso a instituição foi extinta em 1926, permanecendo apenas a Faculdade de Direito, que deu origem a atual Universidade Federal do Amazonas que tem a data acima como a de sua criação, apesar de ter sido oficialmente criada pela Lei Federal 4.069-A em junho de 1962 e se instalado em janeiro de 1965 (UFAM, 2012).

Também considerada a primeira Universidade brasileira, a Universidade do Paraná foi criada no final de 1912, como instituição privada. Também teve vida efêmera, tendo sido extinta após a primeira guerra mundial. Na história da Instituição consta que após essa data, os cursos continuaram existindo em faculdades isoladas que, cerca de 30 anos depois, em 1950, foram novamente reunidas para formar a Universidade do Paraná, transformada logo em seguida em Instituição pública com o nome atual de Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2012).

Alguns autores sustentam que a primeira universidade foi oficialmente criada em 1920, com a junção de faculdades isoladas na então capital do país, dando origem à Universidade do Rio de Janeiro (posteriormente Universidade do Brasil e Universidade Federal do Rio de Janeiro). Muitos especialistas acreditam que sua criação teve o intuito de conceder o título de Doutor *honoris causa* ao Rei Alberto I, da Bélgica, que visitava o país e, deste modo, não contou com uma verdadeira estruturação universitária, com a previsão de qualquer atividade de pesquisa como algo a ser desenvolvido (PAULA, 2003), o que só foi incorporado dezessete anos depois, quando de sua reorganização como Universidade do Brasil, em 1937 (UFRJ, 2012).

Assim, foi apenas em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo, que surgiu, de forma estruturada e sem interrupções desde o seu início, a primeira universidade do nosso país. Baseada no modelo alemão, também foi o resultado da fusão de escolas profissionais de nível superior existentes e a criação de outros institutos e faculdades. O Decreto nº 6283, de sua fundação, inicia com algumas considerações, dentre as quais que “somente por seus institutos de investigação científica, de altos estudos, de cultura livre, desinteressado, pode uma nação moderna adquirir a consciência de si mesma, de seus recursos, de seus destinos” e estabeleceu, como primeira finalidade, “promover, pela pesquisa, o progresso da ciência”; mais adiante, assegurou o desenvolvimento do ensino e da pesquisa, com autonomia científica, didática e administrativa (SÃO PAULO, 1934, USP, 2012).

A partir dos anos 1930-1940, outras instituições universitárias públicas e privadas foram criadas, com destaque para aquelas ligadas à Igreja (Universidade Metodista, Pontifícias Universidades Católicas, Universidade Mackenzie, por exemplo) e o sistema público foi perdendo, ao longo do tempo, sua preponderância no total de matrículas. Assim, em 1945, cerca de 40% das 21 mil matrículas em cursos superiores eram privadas. Note que a população brasileira na época, de cerca de 45 milhões e habitantes com predominância na área rural (cerca de 65%). Assim, essa quantidade de matrículas representava um percentual incrível de 0,05% do total da população! Vinte

anos depois, em 1965, com uma população aproximada de 85 milhões de habitantes, metade deles na área rural, havia cerca de 182 mil matriculados no ensino superior, com o setor privado representado praticamente por instituições confessionais. Nesse ano, o percentual de atendimento era de 0,2% da população, ainda insignificante, mas cerca de nove vezes maior do que em 1945.

A pressão por mais vagas no ensino superior aumentava: os processos vestibulares aprovavam um número de alunos superior à oferta de vagas, criando a figura dos “excedentes”. Em 1960, 29 mil alunos não conseguiram vagas nas instituições em que haviam sido aprovados e esse número, saltou para 162 mil em 1969, pressão essa exercida pela expansão do ensino médio (então denominado científico, clássico ou normal, conforme a sua natureza formativa e originando, a partir da Lei o curso colegial). Essa situação acabou por motivar a instituição de um vestibular classificatório, em 1971 e a uma necessidade de expansão do ensino superior, o que foi possibilitado pela reforma universitária em 1968. Entretanto, a reforma não foi capaz de garantir uma expansão quantitativa nas escolas públicas, em especial as instituições federais, fazendo que surgisse uma nova escola privada, mais empresarial e com fins lucrativos, que passaram a representar um percentual cada vez maior do total de matriculados, hoje próximo dos 75% (MARTINS, 2009, INEP, 2010).

Independentemente de questões mais ideológicas, o certo é que o sistema universitário brasileiro se iniciou tardiamente e este atraso tem reflexos até os dias de hoje, pois continuamos sendo um dos países latinoamericanos que menos atende à sua população jovem, entre 18 e 24 anos de idade, em cursos superiores.

2. A reforma universitária de 1968 e o surgimento dos cursos de tecnologia

É no contexto da falta de liberdades individuais por que passou o país após o golpe de 1964 que a reforma universitária foi gestada, inclusive como uma resposta às pressões para a ampliação das vagas no ensino superior do país. Dois relatórios foram fundamentais para o sancionamento da Lei da Reforma Universitária: um deles, elaborado sob a responsabilidade de Rudolf Atcon, da USAID (United States Agency for International Development) e o outro, conhecido como relatório “Meira Mattos” do governo brasileiro (BOSCHETTI, 2007). Assim, em 28 de novembro de 1968 foi sancionada a Lei nº 5.540 (BRASIL, 1968), que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior no país.

Destaque-se a abordagem do atendimento do mercado de trabalho, inclusive regional (artigo 18):

Art. 18. Além dos cursos correspondentes a profissões reguladas em lei, as universidades e os estabelecimentos isolados poderão organizar outros para atender às exigências de sua programação específica e fazer face a peculiaridades do mercado de trabalho regional.

E a possibilidade do oferecimento de cursos de menor duração, de uma certa maneira já garantida na LDB então vigente (Lei 4024/61), mas estabelecida de forma explícita no artigo 23:

Art. 23. Os cursos profissionais poderão, segundo a área abrangida, apresentar modalidades diferentes quanto ao número e à duração, a fim de corresponder às condições do mercado de trabalho.

§ 1º Serão organizados cursos profissionais de curta duração, destinados a proporcionar habilitações intermediárias de grau superior.

§ 2º Os estatutos e regimentos disciplinarão o aproveitamento dos estudos dos ciclos básicos e profissionais, inclusive os de curta duração, entre si e em outros cursos.

Por um lado a reforma universitária de 1968 teve efeitos privatistas e possibilitou o surgimento de instituições totalmente vinculadas apenas com o oferecimento de disciplinas e aulas, que desvirtuam o que se espera do ensino superior. Por outro, ela também possibilitou a modernização das instituições públicas que, à época apenas com algumas exceções, não desenvolviam e puderam passar a desenvolver um sistema voltado para a produção acadêmica, à iniciação científica e ao fim das cátedras vitalícias (MARTINS, 2009).

À mesma época, em São Paulo, o Conselho Estadual de Educação constituiu um grupo de trabalho, em janeiro de 1968, para estudar a viabilidade da implantação gradativa de uma rede de Cursos Superiores com duração de dois à três anos. No ano seguinte, foi criada uma Comissão Especial pelo então Governador do Estado, a fim de elaborar um projeto de criação e instalação de um Instituto Tecnológico no Estado, com a finalidade de proporcionar habilitações no campo da Tecnologia e formar docentes para o ensino técnico.

Em outubro de 1969 foi editado o Decreto Lei Estadual que criou o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo – CEET-SP (SÃO PAULO, 1969), autorizado a funcionar pelo Decreto Federal de 3 de julho de 1970, transformado em 10 de abril de 1973, pelo Decreto nº 1.418 em CEET “Paula Souza”, entidade mantenedora das FATECs de São Paulo e Sorocaba, bem como de outras Faculdades que viessem a ser instaladas.

No mesmo período, as Escolas Técnicas Federais passaram a oferecer cursos de Engenharia Operacional, com três anos de duração, baseadas em parecer do Conselho Federal de Educação (Par. nº 25/65). Esses cursos tiveram forte resistência por parte dos órgãos de classe e acabaram sendo extintos em 1976, dando lugar à Engenharia Industrial, com cinco anos de duração. É dessa época a criação dos primeiros Centros Federais de Tecnologia (1978), destinados inicialmente a ministrar cursos de Engenharia Industrial e Cursos Superiores de Tecnologia (BRANDÃO, 2009).

Foi a partir da sanção da Lei 9.394, em dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), que os cursos de tecnologia foram classificados de forma mais precisa, como cursos de graduação. Com Diretrizes Curriculares nacionais aprovadas em 2002 (CNE, 2002), a sua caracterização como cursos de graduação, assim como os cursos de bacharelado e de licenciatura foi definida e, a despeito das resistências ainda existentes, vêm se consolidando como tal.

Na verdade, o modelo de desenvolvimento e as políticas públicas adotadas pelo país desde os anos 50 levaram à crença, até hoje arraigada e censo comum, de que a ascensão social se dá a partir da educação superior. Efetivamente um aumento no tempo de escolaridade tende a possibilitar, em geral, um aumento na renda. Além disso, a sofisticação tecnológica também vem contribuindo para que haja um aumento cada vez maior de exigências de conhecimentos e competências que possibilitem a sua apropriação pelo cidadão. Finalmente, inúmeros trabalhos realizados no final do século XX mostraram que, na sociedade do conhecimento, espera-se um cidadão preparado para o entendimento de si mesmo e do meio que o cerca e, no caso do ensino superior, com a agregação de conhecimentos aprofundados (PEREIRA, 2000).

O grande desafio que passou a se impor para as nações desenvolvidas num primeiro momento e, em seguida, para aquelas em ascensão, foi o da massificação do ensino superior para atendimento das demandas sociais (inclusive do setor produtivo), sem contudo perder as suas características referentes à produção do conhecimento novo

e atrelado ao desenvolvimento de uma dada formação, respeitando as individualidades de cada um. Nesse modelo, deve-se incluir maneiras diversas de dar atendimento a tão grande contingente de alunos e, por este e outros motivos, reuniões que congregaram diferentes países discutiram a “nova” missão do ensino superior no mundo moderno e na perspectiva da sociedade do conhecimento do início do século XXI.

Em 1998 ocorreu em Paris sob o patrocínio da Unesco, a Conferência Mundial sobre o Ensino Superior que coloca, na Declaração gerada pelo encontro e assinada pelos países presentes, como missão do ensino superior, educar, formar e realizar pesquisas (UNESCO, 1998). Atribui, ainda, à universidade, a missão de promoção do saber, mediante a pesquisa na ciência, nas artes e nas ciências humanas conclamando à diversificação como forma de ampliar a igualdade de oportunidades para o acesso a esse nível de ensino.

Tais constatações e recomendações foram ratificadas na II Conferência Mundial realizada em 2009, também em Paris, reforçando a utilização de novas tecnologias de informação e comunicação como forma de garantir a expansão com qualidade no ensino superior (UNESCO, 2009).

Assim, com o apoio do novo arcabouço legal, mais arejado e moderno com relação à legislação anterior, novo desenvolvimento é incrementado no ensino superior brasileiro. A partir da metade dos anos noventa, os dados relativos à educação nacional passam a ser tratados de forma mais científica e competente, de modo que se tornam mais confiáveis com relação à realidade nacional, com o fortalecimento do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

No final de 1996, existiam matriculados no ensino superior 1,8 milhões e não foram encontrados registros de matrículas na modalidade à distância. O fato é que em 2001, havia pouco mais de 5 mil alunos matriculados em cursos EaD, número que, em 2010, foi superior a 930 mil (INEP, 2010). No mesmo período, de 2001 a 2010, os cursos superiores de tecnologia cresceram cerca de 10 vezes, passando de 69 mil matrículas para quase 800 mil matriculados (INEP, 2010).

Assim, em termos de matrículas totais em cursos de graduação no Brasil, partimos de pouco mais de 20 mil em 1945 para 6.400 mil (6,4 milhões) em 2010, com crescimento de 305 vezes em 65 anos! Ainda assim, continuamos com um percentual inferior a 15% de jovens entre 18 e 24 anos em cursos de graduação no país, o que mostra que ainda há muito a avançar.

3. O Centro Paula Souza e o oferecimento de Cursos Superiores de Tecnologia

Conforme já salientado acima, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, criado no final de 1969, vem se destacando no ensino superior público do Estado de São Paulo com a oferta de Cursos Superiores de Tecnologia desde 1971.

Os cursos de graduação tecnológica oferecidos pelas FATECs do Centro Paula Souza (CPS) atendem aos segmentos atuais e emergentes da atividade industrial e do setor de serviços, tendo em vista a constante evolução tecnológica. Com currículos flexíveis, compostos por disciplinas básicas e de formação profissional específica, seus cursos têm 2400 horas de atividades e, em geral, um estágio supervisionado com um mínimo de 240 horas e um trabalho de graduação realizado ao final do curso e como exigência para a obtenção do diploma, com 160 horas de atividades. Deste modo, os cursos atingem um total de 2800 horas de atividades para a sua integralização.

Projetos integradores, estudos de caso, visitas técnicas e laboratórios específicos, contribuem para a formação profissional que leva o egresso a uma inserção no mercado de trabalho antes mesmo de sua formatura.

Desde a sua criação em 1969 e até o final do século XX, eram dez as Faculdades de Tecnologia pertencentes ao Centro Paula Souza: São Paulo, Sorocaba, Americana, Baixada Santista, Jaú, Taquaritinga, Guaratinguetá, Indaiatuba, Botucatu e Ourinhos. Nessa época, 3080 vagas anuais eram oferecidas e existiam cerca de 10 mil matriculados nos diferentes cursos.

A partir de 2002, a expansão das Faculdades de Tecnologia ganha nova dimensão, com a criação de Unidades na Zona Leste da Capital de São Paulo, Jundiaí e Mauá (2002), em Garça, Mococa e São José do Rio Preto (2004), em São Bernardo do Campo e Cruzeiro (2005) Assim, no primeiro quinquênio do século, as vagas em FATECs aumentaram em 92% (de 3080 em 2000, para 5.920 em 2005). Do mesmo modo, as matrículas atingiram, no final de 2005, a 16.780 alunos nas 18 Unidades então existentes.

Nos cinco anos seguintes, foram criadas as FATECs de Carapicuíba, Itapetininga, Marília, Pindamonhangaba, Praia Grande, Tatuí, Zona Sul de São Paulo e em São José dos Campos (2006); de Itaquaquecetuba, Presidente Prudente, Santo André, Guarulhos, Jales, Mogi Mirim e São Caetano do Sul (2007), de Araçatuba, Capão Bonito, Itu, Jaboticabal, Piracicaba, Sertãozinho, Bauru, Bragança Paulista, Catanduva, Franca, Lins e Mogi das Cruzes (2008), de São Sebastião e Barueri (2009) e de Osasco e Ipiranga em São Paulo (2010), aumentando para 49 o número de FATECs. Oferecendo 19.220 vagas totais e seus dois vestibulares anuais, as matrículas desse período superaram os 45 mil alunos, com o significativo aumento de 4,5 vezes em relação ao início da década.

Finalmente, até o momento, mais seis Unidades foram ou estão sendo criadas no 2º semestre de 2012: do Tatuapé em São Paulo e Taubaté (2011), de Jacareí, Diadema e Itaquera em São Paulo, além da separação do câmpus II da FATEC Marília para a criação da FATEC Pompéia, todas em 2012. Com o oferecimento de 22655 vagas ao longo do ano de 2012 (11895 no 2º semestre), as FATECs já representam pouco mais de 50% das vagas públicas estaduais paulistas em ensino superior, em conjunto com as três universidades estaduais, USP, Unicamp e Unesp e duas Faculdades isoladas mantidas pelo Estado.

Há previsão da abertura de mais algumas FATECs no Estado nos próximos anos e, espera-se, a consolidação da expansão das Faculdades atuais, que deverão elevar o número de vagas anuais para cerca de 30 mil (cerca de 90 a 100 mil alunos matriculados), o que, apesar de ser um valor dez vezes superior àquele oferecido no ano de 2000, representa o atendimento de apenas cerca de 5% dos egressos do ensino médio no nosso Estado, o que ainda é um valor muito pequeno e consequência do envolvimento tardio de nosso país com o ensino superior. Assim, pretende-se numa nova etapa realizar alguns cursos na modalidade à distância, aumentando a abrangência da atuação das FATECs e, com isso, a inclusão de um maior contingente de alunos no ensino superior público e de qualidade mantido na Instituição.

A forte expansão da última década foi o resultado de parcerias com prefeituras e de reuniões com os diferentes segmentos da sociedade local, do setor produtivo a sindicatos, escolas e câmaras de Vereadores. Com essa prática, foi tomada a decisão final sobre a implantação de um primeiro curso e, assim, a criação de uma nova escola, totalmente engajada aos anseios da comunidade local e regional. Deste modo a ampliação, além de numérica, tem um perfil de diversidade, pois novos cursos estão sendo incorporados, seguindo a expansão econômica da capital e do interior e os novos polos em formação, seja no agronegócio, na indústria ou na biotecnologia.

Com a expansão, o orçamento estadual destinado ao Centro Paula Souza também evoluiu, também pelo fato de que a Instituição mantém, além das FATECs, as Escolas Técnicas (ETECs) que também têm tido forte expansão e hoje apresentam mais de 200 Unidades no Estado, com um número de matriculados superior a 200 mil estudantes em cursos técnicos integrados, concomitantes ou subsequentes ao ensino médio. Deste modo, garante-se que os novos cursos tenham a infraestrutura física e laboratorial necessária, o que garante, em conjunto com o corpo docente de qualidade, o bom nível dos cursos ministrados.

Foi em decorrência da qualidade dos cursos e do desempenho da Instituição nas avaliações nacionais (ENADE) e estaduais (Reconhecimento e renovações de reconhecimento de cursos, realizados pelo Conselho Estadual de Educação) que foram conquistadas pelo Centro, em 2011, prerrogativas de autonomia universitária. Assim, a criação de novos cursos, o estabelecimento de seus currículos, e o registro dos diplomas dos egressos, passam a ser de responsabilidade da própria Instituição.

4. Conclusões

O ensino superior brasileiro ainda necessita de uma expansão que possibilite a inclusão de milhões de jovens. Essa característica é decorrência da estruturação de um ensino superior tardio no país, além de ser o resultado de políticas muitas vezes equivocadas por parte dos sucessivos governos do país e de seus estados.

É nesse contexto que devem se inserir os Cursos Superiores de Tecnologia, em especial os oferecidos por Instituições públicas, possibilitando que um contingente maior de jovens tenha acesso à educação superior gratuita e de qualidade.

Enquanto graduações, os cursos tecnológicos devem se impor pela competência dos profissionais formados, ocupando nichos específicos na sociedade e possibilitando, a partir da produção de conhecimento novo, um desenvolvimento social pleno e inovador.

Novas Instituições estaduais e uma expansão significativa nos cursos de tecnologia nas Instituições federais serão, em conjunto com as graduações desenvolvidas à distância, um forte avanço para que o país se consolide não apenas em termos econômicos, mas principalmente como protagonista de mudanças sociais que levem a uma maior igualdade social e à sustentabilidade do nosso planeta.

Referências:

BOSCHETTI, V.R. Plano Atcon e Comissão Meira Mattos: Construção do ideário da Universidade do pós-64. **HISTEDBR on line**, 27: 221-229, 2007.

BRANDÃO, M. O curso de engenharia de operação (anos 1960/1970) e sua relação histórica com a criação dos CEFETs. **Revista brasileira da educação profissional e tecnológica**, 2(2): 55-77, 2009.

BRASIL. **Lei nº 5540, de 28 de novembro de 1968**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129118/lei-5540-68>, Acesso em: 28 mai. 2012.

_____. **Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art1>. Acesso em: 28 mai. 2012.

CNE - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CP 29/2002**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer_292002.pdf. Acesso em 30 mai. 2012.

D'IRSA, S. **Histoire des universités françaises et étrangères**. Paris, Ed. Auguste Picard. 369pp v.1 e 449pp v.2. 1993.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2010 – Resumo Técnico**. Brasília, ed. INEP/MEC, 85pp, 2012.

MARTINS, C.B. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação e sociedade, Campinas**, 30(106): p.15-35, 2009.

PAULA, M.F. USP e URJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. In: **Avaliação e Compromisso Público: a Educação Superior em Debate**. Dias Sobrinho, J. e Ristoff, D.I. (org.). Florianópolis, Ed. Insular, p. 215-230, 2003.

PEREIRA, E.M.A. Pós-Modernidade: desafios à universidade. In: **Escola e Universidade na Pós-Modernidade**. Santos Filho, J.C. & Moraes, S.E. (org.). Campinas, Mercado das Letras Ed., p.163-200, 2000.

SÃO PAULO. Decreto nº 6283/34, de 25 de janeiro de 1934. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/225246/decreto-6283-34-sao-paulo-sp>. Acesso em: 30 mai. 2012.

_____. Decreto Lei de 6 de outubro de 1969. Disponível em <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto%20lei/1969/decreto-lei%20n.0-A.%20de%2006.10.1969.htm>. Acesso em: 30 mai. 2012.

TRINDADE, H. Universidade, ciência e Estado. In: **Universidade em ruínas na república dos professores**. Trindade, H (org.). Rio de Janeiro, Ed. Vozes, p. 9-26, 1999.

UNESCO. **Conferência Mundial de Educação Superior. 1998**. Disponível em: http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830. Acesso em: 30 jan.2012.

_____. **Conferência Mundial de Educação Superior. 2009**. Disponível em: http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830. Acesso em: 30 jan.2012.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **História**. Disponível em <http://www5.usp.br/institucional/a-usp/historia/linha-do-tempo/>, Acesso em: 30 mai. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **História**. Disponível em <http://portal.ufam.edu.br/index.php/historia#historia>. Acesso em: 30 mai. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Histórico**. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portalfufr/historico-2/>. Acesso em: 30 mai. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. A UFRJ – **História**. Disponível em: http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=HISTORIA. Acesso em: 30 mai. 2012.

WEBER, M. **Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica**. São Paulo, Ed. Cortez, 149pp. 1989.

TRANSFORMAÇÃO ORGANIZACIONAL E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO E A APRENDIZAGEM

Ms. Jucelaine Lopes de OLIVEIRA
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – CEETEPS
Prof.jucelaine@fatecjd.edu.br

RESUMO

O estudo realiza uma reflexão sobre as transformações econômicas ocorridas no Brasil, por meio de uma análise qualitativa e exploratória. São vislumbrados aspectos educacionais e tecnológicos responsáveis por interferir na evolução das organizações, buscando a geração de competitividade e sustentabilidade econômica. Se entente que a inovação é um dos caminhos essenciais para isto, e fica nítido que esta é influenciada por um conjunto de cenários conectados a ambientes tanto internos como externos. A proposta é verificar o elemento cíclico que envolve a educação, a geração de oportunidades profissionais para a população e o papel estratégico da educação tecnológica no contexto brasileiro.

Palavras chave: Desenvolvimento tecnológico. Aprendizagem. Educação Tecnológica.

ABSTRACT

The study makes a remark about the economic transformations occurring in Brazil, through an exploratory qualitative analysis are envisioned educational and technological aspects responsible for interfering with the evolution of organizations, seeking to generate competitiveness and economic sustainability. If entente that innovation is a way essential to it, and it becomes clear that this is influenced by a number of scenarios connected to both internal and external environments, in short the proposal and verify the cyclical element that involves education, generation of professional opportunities for the population the strategic role of technology education in the Brazilian context.

Key words: Technological development. Learning. Technological Education.

INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento é parte essencial da manutenção evolutiva social, sendo especificamente a construção tecnológica responsável por gerar a sustentabilidade das organizações e o atendimento de novas premissas advindas do comportamento consumidor.

Evangelista (2009, p.19) complementa que “[...] cada vez mais, a educação e a qualificação profissional são fatores fundamentais para o desenvolvimento das nações pobres e a manutenção da hegemonia econômica e política dos países industrializados”.

Nesse universo econômico, o individuo toma uma posição central como *realizador*, portanto, é o individuo que por meio da compreensão sistemática do universo qual está inserido que, detém o poder decisório, o poder criativo e o poder de liderança. Enfim, se percebe que o nível de exigência feita para o profissional do século XXI está pautado no conhecimento, exigindo habilidades generalistas.

Carvalho (2011, p.78) afirma:

Na sociedade ocidental moderna. Progresso quer dizer a utilização de tecnologias cada vez mais que supostamente melhoram a qualidade de vida de todos. Assim através das inovações tecnológicas, a vida do homem sobre a face da terra torna-se cada vez mais fácil, mais confortável e mais agradável. Tecnologia significa assim, o elemento que propicia não só o avanço da sociedade, mas também determina suas condições de desenvolvimento e progresso.

Logo, cabe a questão: “Qual o papel do ensino tecnológico no desenvolvimento socioeconômico de uma nação?”. Sendo o intuito realizar a observação das possíveis interferências do ensino tecnológico nas dinâmicas organizacionais, analisando especificamente as transformações comportamentais advindas da geração do conhecimento tecnológico.

Dados do Ministério da Fazenda (2011) mencionam que a indústria brasileira cresceu 28,5% de 2003 assumindo posição entre as 10 maiores economias mundiais, assim como o crescimento também o nível de confiança de investidores e clientes tem tido significativa melhoria no mesmo período.

O Brasil tem tido uma evolução no poder de consumo e produção interna e isso tem refletido também em comércio exterior. O Ministério da Fazenda (2011) relata que “Mesmo com dinâmico mercado interno, o Brasil vem ampliando sua participação no comércio internacional tanto pelas exportações como pelas importações”.

Compreendendo as influências da educação tecnológica sobre o mercado, é possível propiciar não só a determinação de uma grade curricular capaz de atender aos anseios empresariais, mas também a consolidação da vida profissional dos indivíduos, tornando possível a transição de classes sociais e a criação de valores agregados pertinentes ao trabalho. Logo, estabilidade, novas oportunidades e porque não afirmar, dinâmicas trabalhistas em que não haja *alienação* do indivíduo em relação ao que faz.

O texto assume para o seu desenvolvimento caráter qualitativo, cuja finalidade é realizar a delimitação do cenário proposto, seguindo o contexto analítico, realizando observação acerca de comportamentos existentes nas organizações.

O método adotado pode ser considerado dessa forma, já que, consiste na investigação, o que na leitura feita por Marconi & Lakatos (2009, p.189) se aplica a estudos cuja “principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos”. Boaventura (2007) concorda com importância deste tipo de estudo uma vez que é um estímulo à compreensão sobre o objeto, tratando da geração de familiaridade.

Outro aspecto válido é o fato de ser uma abordagem “pelo sujeito” que na definição da OCDE (2004) é a exploração dos fatores de influência do comportamento, usando a avaliação das estratégias, dos incentivos existentes e também as barreiras existentes como pontos destinados à avaliação.

COMPETITIVIDADE ORGANIZACIONAL

Cabe às organizações desenvolver cenários favoráveis à geração de vantagem competitiva, para tal, se mobilizam por meio de sistemas complexos de aquisição, transformação e aperfeiçoamento de processos, gerando alternativas de atendimento as demandas do mercado, postura esta que exige aprendizagem contínua.

Dias (2008, p.177) afirma que:

A maior parte dos cientistas sociais compartilha da idéia de que poder é a capacidade para afetar o comportamento os outros. O poder pode ser considerado como um meio, que o grupo ou indivíduo tem, de fazer com que as coisas sejam realizadas por outros indivíduos ou grupos.

É evidente que as organizações não possuem espaço para visão e ações individualistas. A *Era do Conhecimento* exige o compartilhamento de informações, conceitos e conhecimentos como a melhor e mais eficaz forma de agregar valor. E para que a dinâmica organizacional seja sinérgica e constante, são necessárias estratégias geradoras de ambientes que propiciem elementos de inovação, sinergia e transformação comportamental, um ambiente onde processos organizacionais, e a “personalidade da empresa” sejam complementares.

A percepção sistêmica proposta por Senge *et al* (2000) torna a aprendizagem e a inovação pontos decisivos e vitais para atender as demandas mercadológicas. Estes são geradores de vantagens organizacionais e considerando que em mercados de competitividade acirrada não existe margem para os erros, aprender significa garantir agilidade e fluidez de ações, quando essa dinâmica assume caráter constante, pode ser a melhor ferramenta disponível.

As considerações da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2004, p.15) apontam o fato de que, “[...] estamos claramente vivendo uma importante revolução tecnológica, com a economia mundial sendo reconfigurada pelas novas tecnologias da informação e por mudanças fundamentais”.

Logo, as empresas devem investir recursos para *criar* sistematização a fim de que a aprendizagem organizacional seja integrada às competências organizacionais, formando gestores aptos a gerar inovação, melhoria e desenvolvimento.

A premissa de sistematização se soma às análises de Senge (2008) quando este afirma que é imprescindível desenvolver inter-relacionamento entre os atores do processo empresarial, considerando aspectos como a visão compartilhada que traz à tona a importância dos indivíduos que compõe a organização trabalhando em prol do mesmo objetivo, o que se resume na fundamental necessidade de profissionais conscientes do seu papel na estruturação do todo.

Existir num mercado dinâmico, inconstante e cujas inovações são imediatistas, exige postura evolutiva e a aprendizagem tem o poder de garantir esta agilidade, desde que comprometida e direcionada para esta realidade, reconhecendo que capital humano e capital estrutural devem estar alinhados em capacidades e habilidades.

Edvinsson & Malone (1998) propõem a separação do conhecimento em perspectivas com base no critério da possibilidade da sua posse, sendo o capital humano um estoque potencial, ativo e individual; o capital estrutural com um resultado explícito transacionável, respeitando subdivisões de grande importância como o capital de clientes e relacionamentos e o capital de inovação.

As organizações devem agir de forma a integrar os processos empresariais com o meio externo, devem possuir a percepção de que a inovação é um caminho para a sustentabilidade e ser estático é incoerente e contrário ao anseio de qualquer organização.

AS ORGANIZAÇÕES E A APRENDIZAGEM

A aprendizagem é a efetivação do processo educacional. A partir de uma construção curricular adequada, que considere princípios tecnológicos atualizados e

pertinentes aos segmentos atuantes em uma região, torna-se possível a construção de uma sociedade geradora de possibilidades.

O desenvolvimento de novas competências dos profissionais, atreladas à estratégia organizacional, torna possível incorporar com maior facilidade os processos organizacionais sistemáticos, criando ambiente onde a inovação seja contínua e natural para toda a rede de relacionamento.

Para dimensionar a aprendizagem, Senge (2008) realiza a separação dos níveis de aprendizagem em:

- **Operacional:** Chamado de *know – how*, baseado na adquirir e desenvolvimento de habilidades para produção de ações;
- **Conceitual:** Chamado de *Know – why*, que consiste em adquirir e desenvolver competências para gerar e utilizar o conhecimento.

Este dimensionamento é adequado já que a educação tecnológica visa essencialmente dar ao indivíduo condições para participar efetivamente das transições econômicas, gerando para as organizações maior competitividade por meio da inserção de melhorias contínuas.

O movimento natural de evolução do aprendizado organizacional tem sua base no indivíduo capaz de adquirir novos conhecimentos e competências. É o indivíduo que pode, por meio das aquisições de saber e a interação do grupo, proporcionar resultados positivos das ações adotadas nas empresas. Na avaliação feita por Senge (2008) a disseminação e memorização do grupo são responsáveis pela efetividade do novo comportamento que se tornará parte efetiva dos processos internos, estabelecendo a necessidade da aprendizagem como atividade contínua, refletindo em sistemas produtivos e administrativos.

Os elementos operacionais somados aos elementos conceituais serão os provedores de competência para que haja o "poder" de realização. Defendem Leite & Porsse (2003) que a sustentação da vantagem competitiva depende de uma capacidade superior para identificar, construir e alavancar novas competências.

Desse modo, a aprendizagem se torna a variável estratégica crítica para o sucesso competitivo por meio da articulação de estratégias que permitam homogeneização das competências e da dinâmica interna.

Ao ver de Brandão e Guimarães (2001) isso somente demonstra que deve haver compreensão do fato de que o indivíduo é determinante para sucesso de uma empresa, devendo ser tratado como aspecto gerador de melhores desempenhos. O investimento em recursos para *criar* sistematização a fim de que a aprendizagem seja integrada às competências organizacionais forma profissionais aptos a gerar inovação, melhoria e desenvolvimento.

A percepção sistêmica proposta por Senge *et al* (2000) torna a aprendizagem e a inovação pontos decisivos e vitais para atender as demandas mercadológicas. Estes consideram todos os cenários de uma rede de relacionamento, bem como a competitividade acirrada, aprender significa garantir agilidade e fluidez de ações, quando essa dinâmica assume caráter constante, pode ser a melhor ferramenta disponível.

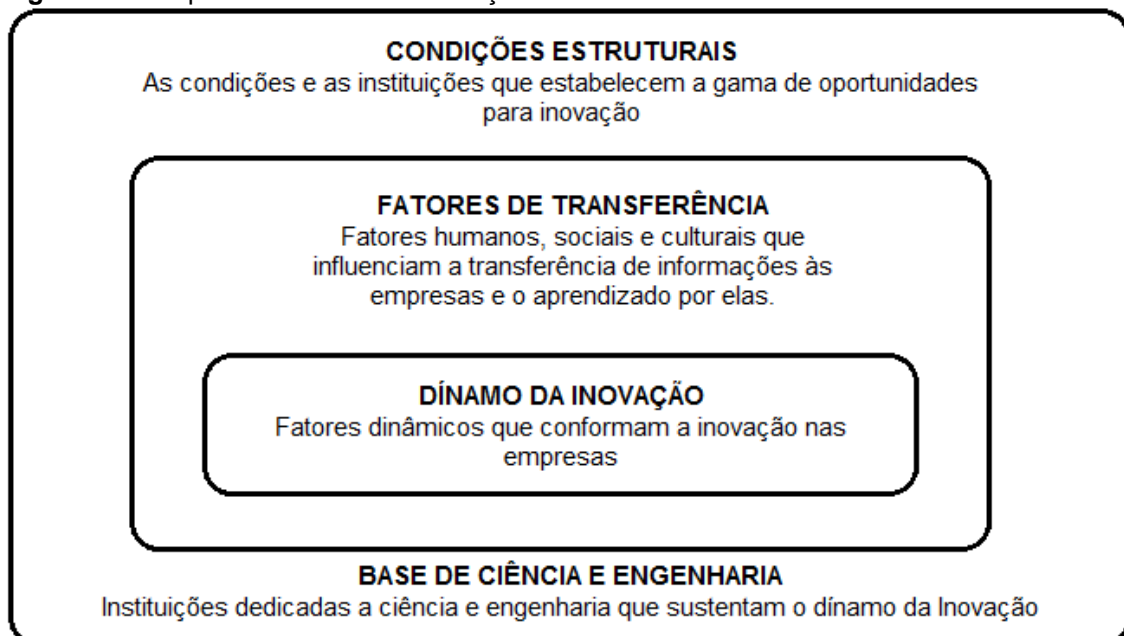
INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

O comportamento do mercado é norteado pelo comportamento do consumidor. Seguindo esta linha, define-se que, somente atendendo as necessidades e expectativas do consumidor é que uma empresa tem condições para a manutenção de posições *market share*, lucratividade e longevidade.

A inovação não se posiciona unicamente como desafio às organizações, mas também como necessidade constante, já que o comportamento do consumidor é sempre transformado cognitivamente e isto implica que as organizações devem existir de forma integrada com os fatores ambientais internos e externos.

Criar inovação é um processo de estruturação de condições, exige preparação na forma estratégica para a geração de mudança. A figura 1 representa as condições de estrutura necessárias para que a inovação seja uma constante.

Figura 1: Campo das Políticas de Inovação



Fonte: OCDE (2004, p.37)

Estes *domínios* tratados pela OCDE (2004) representam as dimensões internas e externas da organização, cada uma delas é responsável por delinear comportamentos assertivos, em relação às leituras mercadológicas e a realização de projetos, sendo que estas dimensões podem ser entendidas da seguinte forma:

- **Condições estruturais:** articulações ambientais capazes de estabelecer regras e gerar oportunidades para a inovação, tais como, infra-estrutura, alicerce financeiro, legislação, entrância no mercado e a estrutura interna da organização.
- **Base de ciência e engenharia:** é a capacidade de unir análises comportamentais, conhecimento humano, conhecimento tecnológico e planejamento, trata do aprimoramento por meio do treinamento, redes de relacionamento interna e externa, pesquisa e operacionalização.

- **Fatores de Transferência:** Trata da capacidade organizacional para estabelecer comunicação eficiente, para tanto considera aspectos humanos, sociais e culturais como responsáveis por realizar a difusão de conhecimentos na organização.
- **Dínamo de Inovação:** age por meio de condições sistêmicas, pois, exerce e sofre influência das demais dimensões, o dínamo de inovação é formado pelo conjunto abstrato e tangível de uma organização.

Unindo as premissas expostas pela OCDE à construção da educação tecnológica, constrói-se uma sociedade em que os aspectos econômicos e sociais estarão atrelados, já que a educação tecnológica trabalha aspectos com o propósito de preparar o indivíduo para a vida profissional.

A educação tecnológica é capaz de fazer a ligação entre os universos experienciais e teóricos, promovendo para as organizações um cenário onde o profissional inicia o exercício, já com uma consciência madura sobre seu papel dentro da estrutura organizacional. Essa relação de maturidade, exercício de conhecimentos e poder de transformação, serve como base para um processo sistêmico.

A busca da eficiência efetiva empenha esforços para a realização de processos capazes de atingir objetivos. Isto significa considerar a relevância do conhecimento e suas influências; uma vez que, o conhecimento é responsável por criar cenários equitativos, gerando aproveitamento dos recursos disponíveis, desenvolvimento e melhoria do desempenho organizacional.

E se a inovação é considerada como elemento estratégico, isto inclui competências, capazes de condicionar crescimento e credibilidade suficientes para a interferência real no contexto de consumo e produção. Para Prahalad e Krishnan (2008, p. 2) “o desenvolvimento de novos atributos e funções, de novos canais, de novos níveis de facilidade de uso, de novas empresas e de novos modelos de precificação é tão fundamental quanto à busca de grandes saltos quânticos”. Ainda para estes autores,

A inovação realmente faz uma grande diferença para empresas de todos os tipos e tamanhos. A explicação é bastante simples: se não mudarmos o que oferecemos ao mundo (bens e serviços) e como os criamos e ofertamos, correremos o risco de sermos superados por outros que o façam.

É necessário somente que se compreenda como a construção de modelos alternativos para o futuro pode impactar de forma positiva ou negativa a atuação de uma organização.

Assim, como a geração de novas ideias pode surgir por meio da inspiração, da transferência de conhecimento de outro contexto, de questionamentos sobre necessidades, da pesquisa ou mesmo da combinação de ideias já existentes, o *start* para o novo pode ocorrer de inúmeras formas. A OCDE (2004, p.20) Analisa que o processo de criativo de uma empresa “[...] pode introduzir muitos tipos de mudança em seus métodos de trabalho, no uso dos fatores de produção e nos tipos de *outputs* que melhoram sua produtividade e/ou seu desempenho comercial”.

Em complemento, Bessant & Tidd (2009) assumem que realidade organizacional é instável e mesmo as empresas de grande porte possuem ciclos de atuação vulnerável e é claro que muito da instabilidade apresentada por várias organizações se dá pelo fato de que muitas empresas não conseguem se estabelecer a essencialidade de adequação à realidade mercantil em que estão inseridas.

Chowdhury (2000) apresenta a inovação como ponto crucial no desenvolvimento das organizações, analisando que toda inovação se deve à imaginação que se integra ao conhecimento, algo exclusivo do ser humano. Propõe a seguinte equação: **Imaginação + Conhecimento = Inovação.**

A educação tecnológica é, neste sentido, a chave para gerar competitividade e está se relaciona a tudo o que propicie e garanta a capacidade transformadora das organizações. Conforme afirmam Edvinsson & Malone (1998, p.32) “o capital de inovação refere-se à capacidade de renovação e aos resultados da inovação obtidos”.

A defesa de um sistema efetivo, a partir do qual se possa provocar a renovação das organizações como a feita pela OCDE, assume a mesma transformação cognitiva do consumidor/cliente que pode ser assumida pelo profissional e pela empresa. A melhor parte é que isso pode ser provocado.

A busca da eficiência efetiva empenha esforços para a realização de processos capazes de atingir objetivos. Isto significa considerar a relevância do conhecimento e suas influências, uma vez que, o conhecimento é responsável por criar cenários equitativos, gerando aproveitamento dos recursos disponíveis, desenvolvimento e melhoria do desempenho organizacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto pode ser considerado como a materialização de tudo que uma organização realiza. É por meio do produto que o grande público percebe a eficiência e eficácia dos processos. Logo, *desenvolver o novo* representa algo que foi incorporado à realidade das organizações de forma generalizada.

A educação tecnológica como um cenário alinhado ao desenvolvimento das organizações é um facilitador das adequações, de forma que as organizações proporcionem ao mercado o atendimento daquilo que é necessário.

É válido analisar que uma nação somente pode ser forte se sua economia for forte. O Brasil apresenta crescimento significativo em todas as suas áreas, destacando-se em desenvolvimento de novos produtos e do aumento da participação do segmento de serviços no PIB, mas a sustentabilidade deste crescimento e o fortalecimento da economia somente serão possíveis se houver o entendimento que as organizações são impactadas diretamente pelo cenário educacional.

Muito se discute sobre a fragilidade da educação de base oferecida à população, mas também a educação formadora de profissionais é altamente deficitária. O Brasil não possui mão de obra adequada para os novos tempos, mesmo assim as organizações permanecem em crescimento, é imperioso que o processo andrológico da educação profissional seja realizada em parceria por sociedade e economia, só assim os indivíduos serão possuidores de oportunidades e condições de evolução, somente assim o país pode efetivamente se dizer alicerçado em bases democráticas.

REFERÊNCIAS

BESSANT, John; TIDD, Joe. **Inovação e empreendedorismo.** São Paulo: Bookman, 2009.

BOAVENTURA, Edvaldo M., **Metodologia de pesquisa: monografia, dissertação, tese.** São Paulo: Atlas, 2007.

BRANDÃO; Hugo Pena; GUIMARÃES, Tomás de Aquino; **Gestão de competências e gestão de desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo constructo?** E. 2001 Jan-Mar.

CARVALHO, Marília Gomes de, **Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica.** Revista Educação e Tecnologia, Curitiba, p 70-87, CEFET-PR, 2011. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec/article/viewFile/1011/602>. Acesso em 23 jun. 2011.

CHOWDHURY, Subir, **A Era do Talento – Obtendo Alto Retorno sobre o Talento.** São Paulo: Pearson Educating do Brasil, 2003

DIAS, Reinaldo, **Sociologia das Organizações.** São Paulo: Atlas, 2008

EDVINSSON, Leif. MALONE, Michael S. **Capital intelectual descobrindo o valor real de sua empresa pela identificação de seus valores internos.** São Paulo: Makron Books, 1998.

EVANGELISTA, Luiz Gonzaga Quintino; **O Ensino Técnico No Brasil E A Trajetória Do Centro Federal De Educação Tecnológica De Januária.** Montes Claros, Universidade Estadual De Montes Claros – Unimontes, Programa De Pós-Graduação Em Desenvolvimento Social, 2009.

LEITE, João Batista Diniz; PORSSE, Melody de Campos Soares. **Competição baseada em competências e aprendizagem organizacional: em busca da vantagem competitiva.** Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 7, n. spe, 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552003000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Econômica Brasileira em Perspectiva.** Brasília, 2011. Disponível em <http://www.fazenda.gov.br/portugues/docs/perspectiva-economia-brasileira/edicoes/Economia-Brasileira-Em-Perspectiva-Especial-10.pdf>; Acesso em 26 de junho de 2011.

OCDE. Manual de Oslo: OECD **Proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica.** Brasília: FINEP. 2004.

PONTUAL, Pedro; IRELAND Timonty. **Educação Popular na América Latina: Diálogos e Perspectivas.** Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

PRAHALAD, C.K.; KRISHMAN, M.S. **A Nova Era da Inovação: Impulsionando a co-criação de valor ao longo das Redes Globais.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem.** São Paulo: Best Seller, 2008.

SENGE, Peter M. et al. **A quinta disciplina: caderno de campo: estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

A IMPORTÂNCIA DOS CURSOS TECNOLÓGICOS EM TI PARA O MERCADO DE TRABALHO

Ms. Adaní Cusin SACILOTTI
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Fatec-Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil.
prof.adani@fatecjd.edu.br

Ms. Benedito Aparecido Cristiano PETRONI
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Fatec-Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil.
prof.benedito@fatecjd.edu.br

Ms. Carlos Eduardo SCHUSTER
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Fatec-Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil.
prof.schuster@fatecjd.edu.br

Ms. Cláudio Luiz Vieira de OLIVEIRA
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Fatec-Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil.
prof.claudioluis@fatecjd.edu.br

RESUMO

Este estudo exhibe o processo da formação educacional tecnológica, sua democratização e a colocação do tecnólogo no mercado de trabalho. A demanda pela graduação tecnológica vem de fato crescendo e as áreas de processamento da informação e ciência da computação são duas das três áreas com maior número de matrículas. Pretende-se também traçar uma progressão da necessidade de capacitação e/ou formação tecnológica advinda da evolução de tudo o que envolva Tecnologia da Informação.

Palavras Chaves: Tecnólogo. Tecnologia da Informação. Mercado de Trabalho. Cursos Tecnológicos.

ABSTRACT

This study shows the process of educational technology, its democratization and placement of the technologist in the labor market. The demand for undergraduate technology is really growing and the areas of information processing and computer science are two of the three areas with higher enrollment. It is also intended to draw a progression of the need for training and/or technological training arising from the evolution of everything involving Information Technology.

Key words: Technologist. Information Technology. Labour Market. Technological courses.

Cursos Tecnológicos

Os Cursos Tecnológicos surgiram no Brasil no final da década de 1960. E embora não tenham se tornados populares entre os estudantes brasileiros até meados de 1990, baseado nestes cursos que se construíram as faculdades públicas de tecnologia, como as FATECs (Faculdades de Tecnologia) e os CEFETs (Centros Federais de Educação Tecnológica). São regulamentados pela Lei N.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) e, posteriormente, pelo Decreto N.º 5.154 de 23 de julho de 2004 (BRASIL, 2004).

Em comparação com os tradicionais cursos de bacharelado, considerados mais generalistas, os cursos superiores tecnológicos possuem foco mais específico. “Enquanto no bacharelado em engenharia mecânica, por exemplo, o aluno vai estudar toda a amplitude da mecânica, no curso superior tecnológico o aluno vai ter que optar por estudar projetos mecânicos, mecatrônica ou automação industrial”, diz o professor Angelo Luiz Cortelazzo, responsável pela Coordenadoria de Ensino Superior do Centro Paula Souza (MACEDO, 2011).

Na época de sua criação, os Cursos Tecnológicos ainda não possuíam boa aceitação devido a uma forte cultura que valorizava apenas os cursos tradicionais de graduação como medicina, engenharia e direito, pois ofereciam maior prestígio social. Por possuírem assuntos específicos e menor tempo de duração, os Cursos Tecnológicos foram vistos por um bom período de tempo como cursos de segunda categoria (BOMTEMPI).

Segundo Jucá, Oliveira e Souza (2010), dois tipos de profissionais de nível superior são apresentados no Parecer nº4434/76 do antigo Conselho Federal de Educação: os engenheiros voltados a concepções de novos processos e os tecnólogos voltados à execução desses processos. Segundo estes autores, isto contribuiu ainda mais para o fracasso na década de 70 e 80 dessa modalidade de educação superior, tão importante no desenvolvimento de um país.

Hoje, podemos dizer que a situação está mudando de forma muito rápida. Os Cursos Tecnológicos se encontram em grande expansão. O último Censo da Educação Superior do MEC registrou 781.609 matrículas em 2010 contra as 69.797 em 2001 (BRASIL, 2010). Para Takahashi (2010), o Brasil, nos últimos 10 anos tem fomentado a educação profissional de nível superior como uma resposta estratégica tanto de escolarização quanto de atendimento ao setor produtivo. A adequação das empresas à economia globalizada forçou aos poucos uma ampla necessidade pelo ensino tecnológico.

As constantes inovações tecnológicas, a diversidade das empresas e a expansão do setor de serviços e o perfil dos profissionais necessários são aspectos que extrapolam os conhecimentos e habilidades normais que os cursos tradicionais de graduação proporcionam. Os Cursos Tecnológicos de um modo muito focado conseguem suprir de forma eficaz essa nova formação profissional. São voltados para atividades profissionais específicas vinculando-se fortemente ao mundo do trabalho (BOMTEMPI, 2012).

O Ministério da Educação possui um catálogo de Cursos Tecnológicos regulamentados e que permite visualizar a diversidade de campos profissionais para a atuação dos Tecnólogos. Pela legislação educacional, o tecnólogo detém o direito de ingresso nos cursos de pós-graduação, Especialização (Lato Sensu), Mestrado e Doutorado (Stricto Sensu).

Segundo Takahashi e Amorim (2008), há necessidade de reformulação e expansão dos Cursos Tecnológicos no Brasil.

A discussão sobre a retomada da Educação Profissional no Brasil, enquanto promotora da inserção no mercado de trabalho e da inclusão social, tangencia outros importantes tópicos como o desenvolvimento da Economia Baseada no Conhecimento – EBC e a difusão de um Sistema Nacional de Inovação. Dentro deste panorama, um pilar essencial é composto pelo setor educacional e, dentro dele, pelas universidades e a sua capacidade de criação e transferência de conhecimento para a sociedade como um todo. A tarefa posta para um dos segmentos do nível universitário - a Educação Tecnológica Superior - é o preenchimento ágil e de qualidade de lacunas de mão-de-obra surgidas no mercado de trabalho por conta da chegada e disseminação de novas tecnologias. .

Nos Estados Unidos e Europa os Cursos Tecnológicos são amplamente aceitos. Aproximadamente 50% dos formandos são da graduação profissionalizante (TAKAHASHI, 2010). Ainda estamos distantes deste patamar. Refletir sobre as inovações e principalmente num ensino com base na tecnologia da informação pode, certamente, abrir horizontes e permitir ainda mais que, com o passar dos anos, colham-se frutos como resultados desse forte embasamento acadêmico pedagógico que os cursos superiores em tecnologia da informação podem proporcionar, principalmente no aspecto referente à inovação.

Evolução da Tecnologia

Atualmente o mundo se vê com inúmeras opções de aplicações que utilizam em sua essência a Tecnologia da Informação (TI) e, cada vez mais, todas essas aplicações são atualizadas e reinventadas.

Inicialmente, o termo tecnologia pode ser definido, genericamente, como um conjunto de conhecimento e informações organizados, provenientes de fontes diversas como descobertas científicas e invenções, obtidos por diferentes métodos e utilizados na produção de bens e serviços, (OLIVEIRA, 2004).

Segundo Rosini e Palmisano (2006), a tecnologia da informação encontra-se em toda a parte: nos eletrodomésticos em geral, na comunicação (pela Internet, via satélite), nos aparelhos eletrônicos (vídeos, telefones e etc.) entre outros.

Galhardi e Breternitz (2011) constatam que seria difícil imaginar que “[...] em 1896, Hollerith fundou a TMC (*Tabulating Machine Co.*) para produzir e vender suas máquinas e depois fundiu-se com as empresas Computing Scale Company e International Time Recording Company, formando a C-T-R Company (*Computing-Tabulating-Recording*), que em 1924 teve seu nome mudado para IBM” (GALHARDI, 2011), mostrando a todos o poder de sua colaboração para com Tecnologia da Informação.

Quanto à origem da TI, pode-se afirmar que o advento dos computadores nas organizações foi o grande responsável por essa evolução e com considerável contribuição, e com isso define-se um breve histórico dessa evolução, a considerar quatro períodos distintos:

- Década de 1960 – Processamento de dados;
- Década de 1970 – Sistemas de informações;
- Década de 1980 – Inovação e vantagem competitiva;
- Década de 1990 – Integração e reestruturação do negócio;

Na continuidade desta evolução, por exemplo, com relação à área da economia, pode-se analisar o progresso tecnológico sob algumas ópticas; podendo ser como induzido pelo próprio crescimento ou como o grande indutor desse progresso, tanto para profissionais quanto para empresas.

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas inter-relações econômicas, ampliando o acesso a insumos e a mercados, com resultados na internacionalização econômica caracterizada pelas trocas comerciais de mercadorias. Intensificada a partir da metade do século XIX, da circulação de mercadorias passou-se para a produção delas e o desenvolvimento industrial na Europa despontou (KON, 2005).

A área de TI, como qualquer outra área, sofreu grandes transformações – que se pode chamar de evolução, no que diz respeito aos meios, métodos e principalmente à utilização de suas ferramentas. É fato que em sua essência é uma área pervasiva, ou seja, está presente em praticamente toda e qualquer área que se faça uso de alguma força e/ou forma para sua modernização.

Esse processo evolutivo se deve pela necessidade constante de todas as organizações na busca por melhorias em seus processos de negócios e/ou operacionais com o objetivo da geração do lucro.

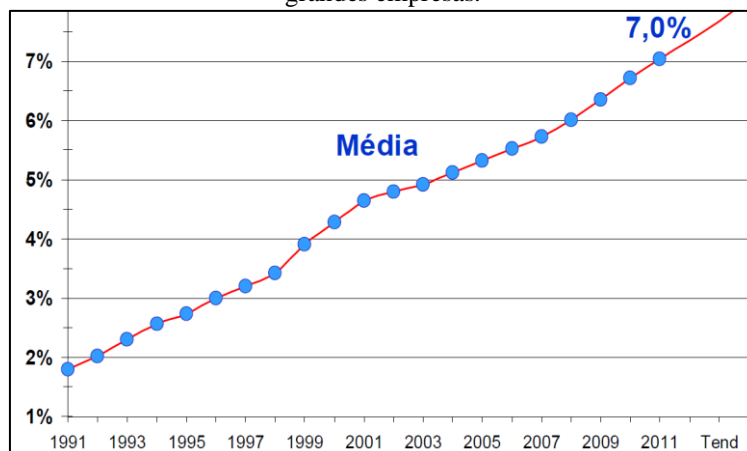
Na sociedade capitalista, a TI é caracterizada por ser um tipo específico de conhecimento, uma vez aplicada ao capital de uma empresa de maneira correta, com propriedades que a torna apta à possibilidade de imprimir ritmo à sua valorização.

Hoje a TI é considerada uma das principais influências no planejamento das organizações, é considerada essencial para todos os setores, “tanto em nível operacional como estratégico” (ALBERTIN, 2001).

As organizações tornam-se mais dependentes da TI a fim de satisfazer seus objetivos estratégicos e para atender às necessidades do negócio em que atuam (MAGALHÃES, 2007).

A importância da área de TI descrita anteriormente, pode ser mensurada observando a Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Gastos e Investimentos em TI em % do faturamento líquido de médias e grandes empresas.

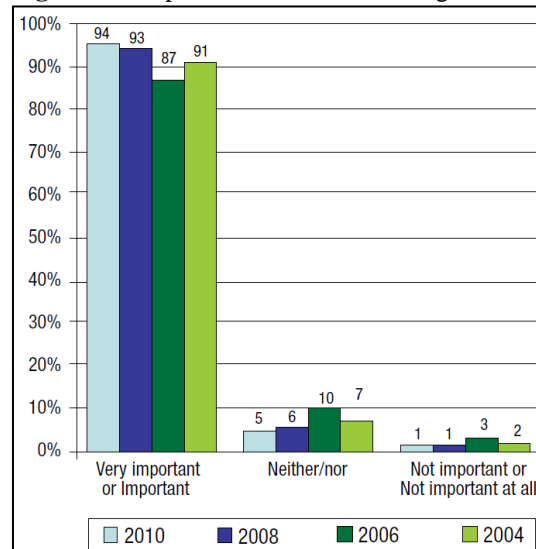


Fonte: Meirelles (2012).

Há quatro anos os investimentos e gastos em TI representavam cerca de 3% a 4% do faturamento de uma empresa, atualmente atinge 7% a 8%, afirma Meirelles (2012). Tais dados mostram a real importância dada às áreas relacionadas a TI, tais investimentos têm-se tornado cada vez mais parte do planejamento estratégico das organizações. “A área de TI deveria se comportar como um sócio da sua organização, criando uma relação de negócio com as demais áreas de negócio da organização” afirma Magalhães (2007).

A Figura 2 logo abaixo mostra que há praticamente 10 anos a empresas do mundo todo percebem a real importância da TI como parte de suas estratégias de negócios.

Figura 2 – Importância da TI na estratégia dos negócios



Fonte: IT Governance Institute (2011)

Seguindo o mesmo caminho do desenvolvimento tecnológico e do próprio processo de evolução pode-se observar um mundo totalmente promissor no que diz respeito com as opções de mercado de trabalho e oportunidades de investimentos de pesquisas e desenvolvimento.

Com a integração da TI com o trabalhador em praticamente todos os aspectos do processo de produção, pode-se citar a incorporação à automação e à robótica – Inteligência Artificial, com a inteligência do homem, no sentido amplo da palavra.

Na passagem do século XX para o século XXI, “os processos de globalização financeira, desregulação dos mercados e intensas transformações tecnológicas geraram novas ou ampliaram velhas tensões” afirma Mattoso (2000).

Como resultado, observa-se não somente a competitividade entre organizações na busca pelas economias de escala, bem como do próprio crescimento do tamanho de suas instalações, mas também uma produção voltada para solicitações específicas, por empresas de menor tamanho, que dessa forma podem mostrar mais capacitação para agilizar e flexibilizar sua produção, tendo como foco o complemento ou a substituição da mão de obra por tecnologias existentes.

O Emprego e as Inovações Tecnológicas

A relação entre inovação e emprego sempre foi complexa, quando não conflituosa, tendo sido permeada de várias formas de decisões, uma vez que a inovação tecnológica assumiu uma dimensão considerável pela possibilidade de favorecimento do

emprego em períodos francos de expansão de ciclos econômicos, em qualquer área que se faça presente a Tecnologia da Informação.

Outro fator importante a destacar é que o progresso técnico é fundamentado principalmente por um ensino capacitado que faz gerar ambientes propícios para oportunidades do ponto de vista do emprego, favorecendo a aceleração das transformações qualitativas do trabalho, assim como da distribuição setorial dos empregos e a capacitação profissional.

Seguindo o raciocínio de Oliveira (2004), a tecnologia, portanto, pode e vem sendo reconhecida como fator-chave da definição de vantagens sustentadas da concorrência entre as empresas e as nações e como motor de alterações da composição qualitativa da força de trabalho (divisão técnica, organização e qualificação).

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹, a introdução de inovações tecnológicas e as intensas mudanças organizacionais vêm acarretando profundas alterações na estrutura econômica e na ordem social em âmbito global e nos espaços nacionais (OLIVEIRA, 2004).

Com as inovações tecnológicas, o mercado potencial de qualquer empresa não apenas aumentou, mas praticamente explodiu, multiplicando o número de compradores e ampliou o máximo a cobertura geográfica, permitindo que as empresas possam oferecer seus produtos em qualquer parte do mundo.

Porém, com a excessiva elevação e persistência do desemprego no período recente, as inovações tecnológicas têm sido objeto cada vez mais frequentes de estudos que visam caracterizar sua evolução e identificar suas causas e que também formulam proposições de políticas para tentar reduzir esses fenômenos por parte dos governos, de organismos multilaterais, de instituições acadêmicas e de especialistas.

Outro aspecto de maior relevância que compromete um aproveitamento mais intenso do surto de inovação reside no fato de as novas tecnologias demandaram um volume de investimento, para o conjunto da economia, bastante reduzido comparativamente ao padrão tecnológico que as antecedeu.

Dentre os responsáveis pelas proposições de políticas para tentar equacionar a diferença entre desemprego e inovação tecnológica, segundo Oliveira (2004) está o governo, que tem como motivo para o estímulo a produtividade e o crescimento, a intervenção em cinco domínios:

- Aumentar a produtividade, incrementando e melhorando a criação, o acesso e a difusão dos novos conhecimentos;
- Favorecer as mudanças organizacionais, visando alcançar de maneira eficaz o conhecimento;
- Coordenar o desenvolvimento tecnológico e a valorização dos recursos humanos, apreendendo seu valor e acentuando a (re) qualificação de adultos e o ensino básico;
- Suscitar uma nova demanda, adicionando os mercados emergentes de serviços com base na Tecnologia da Informação e da Comunicação – TIC's;
- Realizar o potencial de inovação e de criação de empregos.

¹ A Organização Internacional do Trabalho (OIT) é uma agência multilateral ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), especializada nas questões do trabalho. Disponível em <http://www.ilo.org/global/lang--en/index.htm>

O conjunto de sugestões acima mencionado fundamenta a ideia do incentivo às inovações tecnológicas, com o objetivo principal de consolidar o novo modelo de desenvolvimento educacional a ser instaurado, baseando-se, principalmente, na criação e difusão de novos conhecimentos, com investimentos na capacitação e ensino de futuros profissionais.

O Tecnólogo da área de TI

De acordo com a pesquisa realizada pela IT Governance Institute (2011), em seu relatório Global do Status da Governança de TI em entrevista a 834 executivos de 21 países, observou-se que 34% dos entrevistados percebem falta de mão de obra especializada em TI e 31% lidam ainda com insuficiente competência profissional. Percebe-se ainda que uma boa educação tecnológica aliada à formação contínua são a chave para se obter sucesso profissional.

Diante deste cenário, com um mercado de trabalho em franca expansão e carente de profissionais, o futuro tecnólogo, após a conclusão de seu curso, deve esperar adquirir diversas competências e habilidades ao longo de uma matriz curricular específica para garantir sua empregabilidade na área de TI.

Como competências gerais para um futuro profissional do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, destacamos a capacidade de analisar, projetar, implementar, testar, implantar, avaliar, manter e gerenciar sistemas de informações para as organizações, com qualidade e em conformidade com as recomendações de usabilidade e segurança.

Como competências específicas destacamos que o Tecnólogo estará apto a propor e coordenar mudanças organizacionais, definir políticas e diretrizes decorrentes da tecnologia da informação; analisar as áreas funcionais da empresa e suas necessidades em relação aos sistemas de informação; elaborar os planos de desenvolvimento de sistemas de informação focalizando todas as áreas de negócio da empresa; Organizar e apresentar de maneira clara aos usuários os processos envolvidos nos sistemas; conhecer técnicas de avaliação da qualidade dos processos empresariais; avaliar os sistemas oferecidos pelo mercado e indicá-los quando convenientes para a empresa; Identificar oportunidades para futuros empreendimentos; avaliar os sistemas operacionais e gerenciadores de banco de dados oferecidos pelo mercado e indicá-los quando convenientes para a empresa; planejar e desenvolver redes que atendam às necessidades atuais e futuras da empresa; elaborar planos de contingências para manter os sistemas em funcionamento; facilitar a comunicação entre as diversas áreas de negócio da empresa e os profissionais de tecnologia da informação. (Projeto Pedagógico do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Centro Paula Souza).

Destacamos também a formação do tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação. Este profissional atuará diretamente na administração dos recursos de infraestrutura física e lógica dos ambientes informatizados de uma empresa. Como competências gerais, o tecnólogo estará apto a gerenciar os recursos humanos envolvidos, implantar e documentar rotinas, controlar os níveis de serviço de sistemas operacionais e banco de dados, implantar, gerenciar e propor sistemas de informação. A formação concentra-se nos aspectos gerenciais da tecnologia, nos métodos, ferramentas e processos de gestão, com uma visão estratégica das organizações e do uso dos sistemas de informação a seu serviço. Ainda, como competências o tecnólogo estará apto a possuir uma postura ética e responsável, de respeito aos valores definidos pela organização e pela sociedade; ter a capacidade de identificar novas oportunidades de negócios; estimular e mobilizar positivamente as pessoas; trabalhar em equipe,

interagindo em situações de natureza diversificada; diagnosticar a infra-estrutura da empresa para implantação de soluções de TI; gerenciar projetos de TI (redes, banco de dados, aplicações, portais corporativos, equipamentos) articulando a infra-estrutura tecnológica com processos, pessoas e informações; planejar, organizar e implantar processos de gestão de TI alinhados às estratégias de negócios da organização e identificar, avaliar e coordenar soluções e necessidades de aplicativos nos ambientes de negócio. (Projeto Pedagógico do Curso Gestão da Tecnologia da Informação do Centro Paula Souza).

Considerações Finais

Os Cursos Tecnológicos assumiram um papel importante na educação, na visão do empregador, na colocação de mão de obra no mercado de trabalho e na economia globalizada. Nos próximos anos os cursos deverão ocupar espaços cada vez mais significativos nas Faculdades e Universidades.

Os Tecnólogos estão se consolidando como de grande importância para a economia e para a sociedade, contribuindo com novos perfis de competências, oferecendo qualificações especializadas e contribuindo no crescimento econômico e social de seus municípios e estados.

Com as características de serem cursos mais rápidos que os tradicionais e permitirem a continuação de seus estudos, cursando uma pós-graduação ou até mesmo um mestrado ou doutorado, a opção por um curso superior de tecnologia torna-se muito atraente como opção inicial para uma carreira profissional.

A constituição de um novo paradigma tecnológico e de um novo padrão de desenvolvimento depende não apenas de um poderoso ciclo de inovações tecnológicas, mas, principalmente, da difusão de inovações, investimentos na formação de profissionais para determinar, em boa medida, a conformação desse paradigma tecnológico.

Todo este dinamismo reflete diretamente nas pessoas, nos futuros e atuais profissionais que agora necessitam estar sempre atualizados e conectados, garantindo-se, assim a sua empregabilidade. Este processo exige uma sólida e continuada formação acadêmica que tem sido a proposta fundamental dos cursos tecnológicos na área de TI que foram mencionados neste artigo como importante ação em termos de política pública voltada para a educação tecnológica.

Referências

ALBERTIN, A.L. Valor estratégico dos Projetos de Tecnologia da Informação. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 41, n. 3, p. 42-50, jul./set. 2001

BOMTEMPI, N.J. Cursos **Tecnológicos: A educação que veio para ficar**. Disponível em: <http://www.ung.br/noticia/638/tecnologicos.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2012.

BRASIL. Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/97542/decreto-5154-04>. Acesso em: 15 mai. 2012.

_____. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art1>. Acesso em: 15 mai. 2012.

_____. MEC. Censo da Educação Superior 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17212. Acesso em: 18 mai. 2012.

GALHARDI, A.C.; BRETERNITZ, V.J. Tecnologia da Informação e comunicação na prática: uma arte para evoluir e inovar. Jundiaí, SP : Editora In House, 2011

IT GOVERNANCE INSTITUTE. Global Status Report on the Governance of Enterprise It (Geit). 2011. Disponível em: <http://www.isaca.org/Knowledge-Center/Research/Documents/Global-Status-Report-GEIT-10Jan2011-Research.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2012.

JUCÁ, M.C.; OLIVEIRA, P.J.; SOUZA, R.J. Cursos Superiores Tecnológicos: um avanço da educação superior no Brasil. 2010. Disponível em: http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/coloquio10/237.pdf. Acesso em: 10 mai. 2012.

KON, A. Sobre a Natureza da Indústria de Serviços: Tradable ou Nontradeable? 2005. III Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia (EITT-PUC/SP). Disponível em: http://www.pucsp.br/eitt/noticias/ciclo_debate_eco_iii.html. Acesso em: 15 mai. 2012.

MACEDO, L. Curso superior tecnológico é opção de ingresso rápido no mercado. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/curso-superior-tecnologico-e-opcao-de-ingresso-rapido-no-mercado.html>. Acesso em: 10 mai. 2012.

MAGALHÃES, I. L.; PINHEIRO, W.B. Gerenciamento de serviços de TI na prática: uma abordagem com base na ITIL. São Paulo, Novatec Editora, 2007.

MATTOSO, J. Tecnologia e emprego : uma relação conflituosa. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000300017. Acesso em: 15 mai. 2012.

MEIRELLES, F.S. (Coord). Pesquisa do Uso de TI. 2012. 23ª Edição, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://eaesp.fgvsp.br/pt/ensinoeconhecimento/centros/cia/pesquisa>. Acesso em: 18 mai. 2012.

OLIVEIRA, Jayr Figueiredo de, Tecnologia, Trabalho e Desemprego: um Conflito Social, 1.ed., São Paulo: Érica, 2004.

ROSINI, A.M. PALMISANO, A. Administração de sistemas de informação e a gestão do conhecimento, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2006.

TAKAHASHI, A.R.W. Cursos superiores de tecnologia em gestão: reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/09.pdf>. Acessado em: 10 mai. 2012.

_____. AMORIM, W.A.C. Reformulação e expansão dos cursos superiores de tecnologia no Brasil: as dificuldades da retomada da educação profissional. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n59/v16n59a04.pdf>. Acessado em: 10 mai. 2012.

DEZ ANOS DE FATEC JUNDIAÍ (2002-2012) NO CONTEXTO DE
EXPANSÃO DAS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO CENTRO PAULA
SOUZA (2001-2012)

Sueli Soares dos Santos BATISTA

Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade
(NETS)

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Fatec-Jd, CEETPS, Jundiaí, SP, Brasil.

prof.sueli@fatecjd.edu.br

Emerson FREIRE

Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade
(NETS)

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Fatec-Jd, CEETPS, Jundiaí, SP, Brasil.

prof.emerson@fatecjd.edu.br

RESUMO

As Escolas Técnicas e as Faculdades de Tecnologia ligadas ao Centro Paula Souza, com o processo de expansão, têm direcionado seus esforços para se estabelecerem como instituições sólidas em termos administrativos e acadêmicos. Em que medida o processo de expansão de suas unidades tem colocado ao Centro Paula Souza questões institucionais importantes quanto à sua identidade e o seu papel social? As respostas a estas questões precisam ser procuradas localmente, pelos atores diretamente envolvidos na educação profissional e tecnológica e também há que se criar e estimular espaços de discussão, reflexão e escritura permanente desta história em movimento. O objetivo deste artigo é apresentar e discutir o processo de expansão das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) do Centro Paula Souza, resgatando especificamente a trajetória da unidade de Jundiaí neste contexto. Além de pesquisa bibliográfica, realizou-se levantamento histórico e documental sobre os dez anos de existência da Fatec Jundiaí. Conclui-se que algumas expectativas iniciais têm se realizado e novas demandas têm surgido, exigindo estudo e reflexões permanentes sobre a trajetória institucional.

PALAVRAS CHAVE: Faculdade de Tecnologia de Jundiaí. Educação profissional e tecnológica. Centro Paula Souza. Avaliação do Ensino Superior

ABSTRACT

Technical Schools and Colleges of Technology related to the Centro Paula Souza, with the expansion process, have directed their efforts to establish themselves as solid institutions in terms of administration and academics. To what extent the expansion of its units has put the Centro Paula Souza institutional issues as important to their identity and their social role? The answers to these questions must be sought locally, by the actors directly involved in vocational and technological education and also we have to create and foster opportunities for discussion, reflection and writing this story on the move permanent. The aim of this paper is to present and discuss the process of expanding the Colleges of Technology (Fatecs) Paula Souza Center, specifically rescuing the trajectory of Jundiaí this context. In the literature, there was historical survey and documentation on the tenth anniversary of Fatec Jundiaí. It is concluded that some initial expectations have been realized and new demands have arisen, requiring permanent study and reflections on the institutional trajectory.

KEYWORDS: Faculty of Technology Jundiaí. Vocational and technological education. Centro Paula Souza. Evaluation of Higher Education

INTRODUÇÃO

É possível compreender o desenvolvimento da sociedade brasileira a partir das diferentes concepções de trabalho e de trabalhador que se construíram ao longo do tempo. Os estudos sobre a formação da classe operária brasileira e dos processos educativos destinados a ela ainda são relativamente incipientes na historiografia da educação. Este quase silêncio, mais do que carência de fontes, revela o lugar ocupado historicamente por este tipo de ensino associado ao enquadramento dos elementos das mais baixas categorias sociais (CUNHA, 2005).

O reconhecimento gradativo da necessidade da capacitação técnica como estratégia de desenvolvimento tem sido acompanhado do reconhecimento de que a educação profissional e tecnológica (EPT) não pode se resumir a uma visão tecnicista da formação do indivíduo. Conforme afirma Grispun (2011), trata-se de: “[...] fazer despertar nesse indivíduo o valor da tecnologia, sua utilização e a capacidade e possibilidade que ele possui em poder transformar e criar novas tecnologias” (p. 83).

As atuais condições do desenvolvimento capitalista não podem negligenciar uma agenda planetária que determinam ações voltadas para a sustentabilidade e a responsabilidade social dos indivíduos, da sociedade civil, das empresas e das instituições públicas e privadas. Educar para o trabalho significa enfrentar estas contradições e desafios em que não se podem mais polarizar formação técnica e formação humanística, formação para o trabalho e formação cultural, educação profissional e educação política.

A educação tecnológica de um ponto de vista amplo e não apenas do seu uso enquanto formação técnica em nível superior, exige uma discussão permanente sobre a tecnologia, seus processos de produção e fruição, seus impactos sociais, ambientais e econômicos e a sua contribuição para o desenvolvimento integral dos indivíduos e das coletividades (CARVALHO, 2011).

Prefaciando o livro *Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas*, o filósofo da educação Pedro Goergen lança as seguintes questões:

Deve a educação contribuir apenas para a formação de um sujeito preso em si mesmo que não se abre para a transcendência, nem para o outro ou para a natureza a não ser para conhecê-los, dominá-los e explorá-los pelo interesse e para uso próprios? Deve a educação fomentar a formação de indivíduos submissos e adaptados ao sistema político-econômico que comprovadamente não atende aos requisitos mínimos de justiça social, equidade e democracia? (2005, p. 13-14)

Se quisermos ressaltar e assegurar o caráter emancipatório da educação, da cultura e da tecnologia, é evidente que responderemos negativamente a todos estes questionamentos que enfatizam a dimensão ético-política do processo formativo em todos os níveis e objetivos específicos proclamados em normatizações e currículos. As Escolas Técnicas e as Faculdades de Tecnologia ligadas ao Centro Paula Souza, com o processo de expansão, têm direcionado seus esforços para se estabelecerem como instituições sólidas em termos administrativos e acadêmicos. Em que medida o processo de expansão de suas unidades tem colocado ao Centro Paula Souza questões institucionais importantes quanto à sua identidade e o seu papel social?

As respostas a estas questões precisam ser procuradas localmente, pelos atores diretamente envolvidos na educação profissional e tecnológica e também há que se criar e estimular espaços de discussão, reflexão e escritura permanente desta história em movimento.

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir o processo de expansão das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) do Centro Paula Souza, resgatando especificamente a trajetória da unidade de Jundiaí neste contexto. Além de pesquisa bibliográfica, realizou-se levantamento histórico e documental sobre os dez anos de existência da Fatec Jundiaí.

1. Expansão das Fatecs enquanto política pública

Em 2007, quando o Governo de Estado de São Paulo lançou o chamado *Plano de Expansão do Ensino Profissional*, agilizou um processo que estava em discussão desde o final dos anos 90 (CPS, 2010). No Brasil, apenas recentemente o planejamento a longo prazo para áreas estratégicas tem sido considerado central para a implantação de políticas públicas voltadas, por exemplo, para a Educação. Reconhece-se a educação como a porta de entrada para muitos jovens não só para o mercado de trabalho formal, mas em sentido amplo, para a compreensão da complexidade da política, da ciência e da tecnologia, da cultura, sem a qual não se pode exercer plenamente a cidadania, nem transformar as condições existentes.

Mas para que haja esta ação estratégica é necessário avaliação e avaliação permanente de todos os níveis de educação, o que não significa apenas construções de índices quantificáveis, como de costume, mas a elaboração de indicadores qualitativos que provoquem a reflexão mais apurada sobre a educação tecnológica.

Quanto ao Ensino Superior há uma carência de ações estruturadas que tornem o nosso sistema de formação em graduação e pós-graduação comparável a níveis

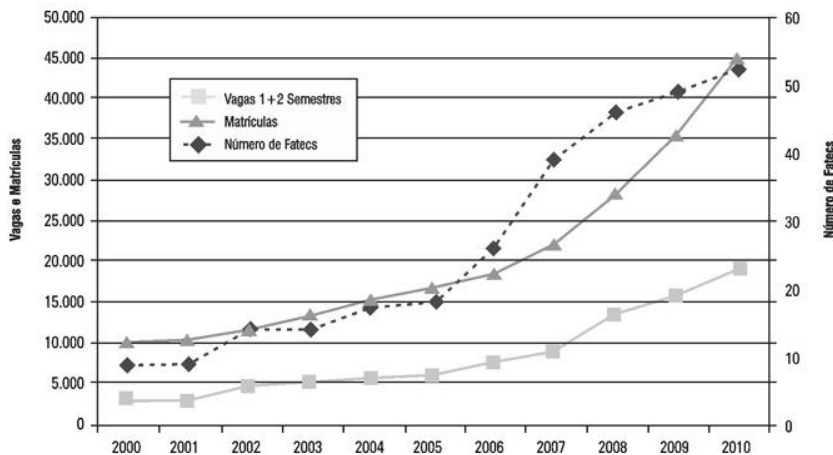
internacionais de ensino e pesquisa, o que tem impacto direto sobre a nossa potencialidade quanto ao desenvolvimento do conhecimento científico e à inovação tecnológica.

O sistema de Ensino Superior no Brasil não chega a atingir 15% da população entre 18 e 24 anos, sendo que 75% da oferta de vagas encontram-se nas instituições privadas, nem sempre avaliadas positivamente quanto à qualidade (PEDROSA, 2012).

O Estado de São Paulo neste cenário mostra números mais favoráveis, mas não compatíveis com as necessidades sociais e econômicas da sua população. As universidades paulistas têm alcançado níveis de produtividade compatíveis com as maiores universidades do exterior, mas dentro de um contexto amplo de oferecimento de vagas, estas instituições, no início da primeira década do século XXI correspondiam apenas a 8% das matrículas em nível de graduação no Estado (PEDROSA, 2012). Desta forma, o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo (CRUESP) propôs-se a elaborar um plano diretor para o ensino superior em São Paulo, no ano de 2001. Este plano diretor procurou avaliar o sistema de ensino superior e projetar ações estratégicas para o período de 2001 a 2006.

Ainda em 2001, o CRUESP publicou o documento intitulado *Expansão do Sistema Estadual Público de Ensino Superior* em que enfatizava a importância de expandir as Faculdades de Tecnologia (Fatecs) mantidas pelo Centro Paula Souza. A vertiginosa expansão das Fatecs é demonstrada no gráfico 1:

Gráfico 1 – Faculdades de Tecnologia (Fatecs): Vagas, Matrículas e Unidades, 2000-2010



Fonte: PEDROSA (2012)

Esta expansão, foi parcialmente planejada pelo CRUESP, nos termos do Plano Diretor, reconhecendo-se que:

[...] o papel que as Fatecs vêm desempenhando, de forma crescente, no sistema, tanto do ponto de vista da expansão numérica, com a oferta de mais vagas para os jovens, como da sua importante função de formar pessoal em nível superior que possa colaborar de forma direta para o desenvolvimento dos diversos setores da economia estadual (e nacional), incluindo suas necessidades regionais (apud PEDROSA, 2012).

Nos últimos anos, o ensino superior do setor público que mais cresceu, em São Paulo, foi justamente o oferecido pelo Centro Paula Souza. No final dos anos 90, o número de unidades das Fatecs estava estacionado num total de nove unidades. Uma reformulação do Plano Diretor elaborada em 2005, projetando ações de longo prazo, previa o número de 54 Fatecs até 2020. Este novo documento foi escrito a partir das discussões de um Comitê Executivo e Grupos de Trabalho. No Comitê Executivo aparecem nomes do Centro Paula Souza, como o da Profa. Laura Laganá, superintendente, e Ângelo Cortelazzo, coordenador do ensino superior na instituição. Em 2012, as Fatecs já são 55 com a previsão de inauguração de outras unidades em 2013.

Segundo este documento, o Centro Paula Souza, no processo de expansão das Fatecs deveria desenvolver o seguinte perfil institucional:

- Aquisição de autonomia administrativa
- Missão primordial de atuar na graduação tecnológica e profissional, com cursos de três anos de duração.
- Possibilidade de desenvolver pesquisa e pós-graduação até o nível de mestrado, sempre com foco profissionalizante e de maneira integrada aos setores produtivos
- Possibilidade de desenvolver programas de doutorado em casos excepcionais, em parceria com programas das universidades estaduais
- Possibilidade de sediar um programa experimental de formação de professores para o ensino médio.
- Cobrir todo o Estado de São Paulo, atingindo 54 unidades e cerca de 180 mil alunos matriculados em 2020.
- Estabelecer carreira para o corpo docente com o objetivo de se criar um grupo de docentes em caráter permanente, com estímulos à sua qualificação, sem prejuízo do ingresso de docentes do meio profissional.
- Possibilidade de vinculação orçamentária, nos moldes daquela empregada no sistema de autonomia das universidades quando o sistema atingir maturidade administrativa e acadêmica.

2. O surgimento da Fatec Jundiaí no contexto de expansão do ensino público profissional e tecnológico

Dados institucionais de 2012 revelam que o Centro Paula Souza administra 207 Etecs e 55 Fatecs, atuando em 159 municípios, com cerca de 286 mil alunos, 13 mil professores e 5 mil servidores administrativos. É necessário ver por trás desses números as experiências singulares de implementação, sobrevivência e desenvolvimento destas unidades que vivem processos próprios de formação, de inserção local e institucional, compondo um quadro pouco analisado quanto ao sentido mais amplo da educação profissional pública no Estado.

Mesmo a avaliação institucional tem priorizado aspectos quantitativos, atrelados à bonificação anual por mérito, o que tem dificultado uma avaliação mais de caráter qualitativo que possa fundamentar a elaboração de planos estratégicos das unidades. Parte-se da hipótese de que é necessário conhecer a história da instituição, a herança educacional que absorve das escolas profissionais públicas surgidas no início do século XX.

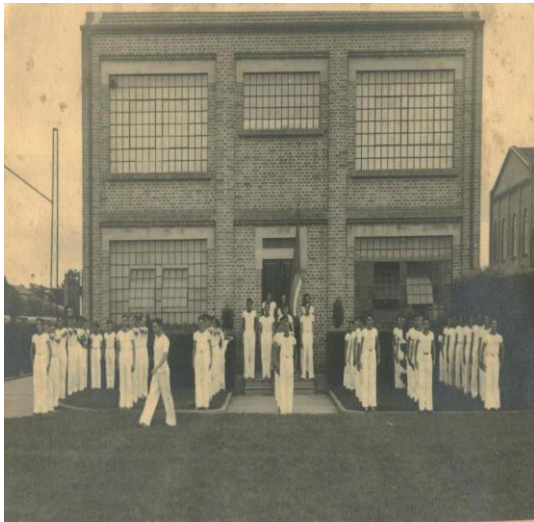
Resgatando, conhecendo e valorizando esta história, as unidades do Centro Paula Souza não só conhecem o seu passado remoto ou recente, mas adquirem melhores condições para elaborarem planos estratégicos de ensino, pesquisa e extensão.

Os estudos sobre o surgimento da Fatec Jundiaí evidenciam a trajetória e o alcance da unidade, inaugurada em 2002, como resultado da ação conjunta de setores empresariais e educacionais com apoio do poder público, no sentido de ter a primeira faculdade pública na cidade. A Fatec Jundiaí se localiza em espaço revitalizado da antiga Companhia Paulista (Complexo FEPASA), que tem uma rica história relacionada à formação do trabalhador ferroviário em suas oficinas-escola e nas suas parcerias com o setor público para fomentar a educação profissional.

Não é possível desatrelar a história da Fatec Jundiaí da história do Complexo FEPASA. O prédio onde, desde a inauguração, funciona a parte administrativa da Faculdade teve sempre uma destinação educacional como atestam o acervo documental e iconográfico da Companhia Paulista existentes na biblioteca do Museu dos Ferroviários.

A figura 1, provavelmente dos anos 30 e 40, mostra os alunos do curso ferroviário mantido pelo Centro Ferroviário de Educação e Seleção Profissional (1934-1945) da Companhia Paulista. Alunos, na imagem, são flagrados numa celebração cívica em frente ao atual prédio da administração da faculdade. Ao lado, na figura 2, apresentamos foto atual do mesmo prédio:

Figura 1: Foto dos anos 30



Fonte: Museu da Companhia Paulista

Figura 2: Foto atual



Fonte: Acervo dos autores

A história da implantação da Fatec Jundiaí está ligada ao processo de tombamento e aquisição por parte da Prefeitura de Jundiaí quanto ao conjunto arquitetônico da antiga Companhia Paulista denominado desde os anos 70 como Complexo FEPASA. Neste importante patrimônio histórico, em que se tornaram vizinhos a Fatec Jundiaí, o Museu dos Ferroviários, o Poupatempo e o depósito de carros alegóricos da Liga das Escolas de Samba de Jundiaí, a maior parte de seu conjunto arquitetônico encontra-se em deterioração, sem uma destinação definitiva.

Fotos dos anos 30 mostram como eram os espaços hoje ocupados pela Fatec Jundiaí. A figura 3 mostra como era atual sala da diretoria de serviços da unidade que fica no piso superior do prédio principal e que durante quase sete anos também foi ocupado pelo diretor administrativo. Era uma sala de aula para o curso de ferroviários.

Figura 3: Sala de aula de curso para ferroviários nos anos 30



Fonte: Museu da Companhia Paulista (2012)

Antes que a Fatec Jundiaí ocupasse parte do Complexo FEPASA, alunos e professores do Centro Paula Souza já trabalhavam na organização do acervo do Museu da Companhia Paulista, conseguindo sua reabertura para visitação nos anos 90. Também não foram poucos os esforços para que se adequasse o espaço para a instala o de uma faculdade, como revelam as fotos da reforma do prédio (figuras 4 e 5)¹. As instala es centenárias tiveram que ser adequadas e em parte destruídas, como ocorreu com o piso de madeira, totalmente arrancado e substituído por um piso de cimento e de ardósia.

Figura 4 – Reforma interna em 2002



Fonte: Acervo da Biblioteca da Fatec Jundiaí

Figura 5 – Reforma externa em 2002



Fonte: Acervo da Biblioteca da Fatec Jundiaí

¹ Agradecemos a colabora o dos funcionários da biblioteca do Museu dos Ferroviários e da biblioteca da Fatec Jundiaí, em especial   dedica o da bibliotecária Marinês Ribeiro para que esta pesquisa se realizasse.

Podemos afirmar que a expectativa de que a implantação da Fatec Jundiaí garantisse a ocupação e a revitalização do Complexo Fepasa, conforme depoimento de Dorta (2012), só em parte ocorreu à medida que a instituição não expandiu e não ocupou o espaço na velocidade que se esperava. Na sessão intitulada *Expectativa* do Jornal de Jundiaí de 06 de setembro de 2002 anunciava-se que a faculdade teria três cursos até o ano seguinte (figura 6).

Figura 6 – Inauguração da Fatec Jundiaí

▼ EXPECTATIVA

Instituição deverá ter três cursos até 2003

WALTER TOZZETTO JR.

O diretor-superintendente do Centro Paula Souza, em exercício, professor Alfredo Colenci Júnior, lembra que os investimentos iniciais de R\$ 1,5 milhão foram aplicados pelo governo estadual na instalação e infra-estrutura da unidade.

Outro montante do mesmo valor deverá ser destinado ao custeio anual, que inclui, entre outras despesas, a folha de pagamentos de professores e funcionários. A previsão é de que, até 2003, segundo Colenci, a Fatec de Jundiaí ofereça um total de três cursos.

Além do Curso de Tecnologia em Informática – ênfase em Gestão de Negócios, a unidade passará a contar também com o Curso Superior de Tecnologia de Produção, na modalidade Plásticos, e o de Tecnologia em Logística, modalidade Gestão Integrada da Produção.



Alfredo Colenci Júnior, diretor do Centro Paula Souza

Fonte: Jornal de Jundiaí, 06 de setembro de 2002

Na verdade, a ampliação dos cursos só ocorrerá bem mais tarde, em 2008, com o surgimento do curso de Tecnologia em Eventos. Ou seja, o processo de expansão da Fatec Jundiaí não atingiu a expectativa anunciada. O espaço acabou sendo também ocupado, a partir de 2009, pelo Poupatempo da cidade de Jundiaí.

Atualmente a Fatec Jundiaí tem 1400 alunos, 58 professores e corpo administrativo com 20 funcionários, todos vinculados ao Centro Paula Souza. Tem 12 funcionários terceirizados que compõem o pessoal da limpeza e vigilância. Inicialmente oferecendo cursos de graduação tecnológica em Informática com ênfase em Gestão de Negócios e Logística com ênfase em Transportes, a Fatec Jundiaí atualmente oferece os cursos tecnológicos de Gestão Ambiental, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Eventos e Gestão da Tecnologia da Informação, além de Logística.

A Fatec Jundiaí, entre as demais Fatecs foi a 13^a. a ser inaugurada. O número de Fatecs antes de 2002 era nove. Neste ano, começa um processo de expansão das Fatecs que terá seu auge a partir de 2006. O que é a Fatec Jundiaí neste universo? Qual seu diferencial? Para que e para quem ela existe e deve continuar existindo? No momento de sua inauguração, dia 06 de setembro de 2002, o Jornal de Jundiaí inseriu numa seção intitulada *Competitividade* uma matéria anunciando que “Alunos querem entrar no mercado” e “Ary Fossen comemora conquista e realização de sonho antigo” (JORNAL DE JUNDIAÍ, 2002).

Nestas manchetes dois lugares comuns quanto às Fatecs são enfatizados: preparação para o mercado de trabalho e o vínculo forte do surgimento das Fatecs com as lideranças políticas regionais, como é o caso do deputado federal Ary Fossen. A esse vínculo, o então Secretário Municipal da Educação, Cultura e Esportes, Oswaldo José Fernandes designou “alinhamento político”.

O fato é que a instalação da Fatec em Jundiaí demandou vontade política e compromisso do então governador, Geraldo Alckmin, com uma antiga promessa feita por Mário Covas a lideranças da cidade, como a Profa. Lurdes Dorta (2012). Segundo esta professora da área de turismo, atualmente vinculada à Unidade de Ensino Técnico do Centro Paula Souza (CETEC), o trabalho para implantação de uma Fatec Jundiaí foi resultado de um movimento não só de Jundiaí, mas um movimento regional, feito com os prefeitos e com a comunidade. Foi feita audiência pública até que essa FATEC acontecesse.

Segundo ela, a inauguração da Fatec foi uma grande festa. Informações e imagens deste dia revelam que houve uma mobilização importante não só de alunos e funcionários, mas de autoridades institucionais e locais. A foto abaixo mostra o descerramento da placa feito pelo superintendente em exercício, o Prof. Dr. Alfredo Colenci Jr. e o então prefeito Miguel Haddad (figura 7).

Figura 7 – Inauguração da Fatec Jundiaí



Fonte: Acervo da Biblioteca da Fatec Jundiaí²

Além do que chamamos de trote solidário, como doação de sangue e arrecadação de alimentos, as celebrações de inauguração da Fatec incluíram uma exposição de obras de

² (Da direita para a esquerda: o diretor da Fatec Jundiaí, Prof. Douglas Hamilton de Oliveira, o prefeito Miguel Haddad e ao centro o superintendente em exercício, Prof. Dr. Alfredo Colenci Jr.

arte, plantação de uma árvore por alunos e autoridades presentes e uma missa celebrada pelo bispo diocesano Dom Amaury Castanho (1927-2006).

Segundo depoimento da Profa. Lurdes Dorta (2012), com a inauguração da Fatec Jundiaí foram atingidos dois objetivos: a ocupação do complexo FEPASA, de uma maneira útil e a certeza de que, a partir de então, o espaço estava na mão de pessoas que iriam preservar o patrimônio.

Percebemos nestas primeiras informações, aspectos importantes de como era entendida a missão da Fatec Jundiaí em seu início:

- oferecer ensino superior público e gratuito
- preparar o jovem para o mercado de trabalho
- favorecer a integração regional
- ocupar e dar uma utilidade para o patrimônio arquitetônico da antiga Companhia Paulista que havia sido adquirido pela prefeitura de Jundiaí, o chamado Complexo FEPASA.
- colaborar com a preservação e revitalização do Complexo Fepasa

3. A festa do (co)memorar!

Ao longo da pesquisa através da história oral, de material iconográfico e documentos escritos, aspectos importantes desta história foram explicitados e encontraram-se afinidades eletivas entre a história do Centro Paula Souza, da educação profissional e da formação do trabalhador ferroviário no contexto do Complexo Fepasa.

Percebeu-se nesse momento de comemoração que, devido ao processo vertiginoso de expansão que demanda o aumento da concorrência entre as próprias unidades e devido dificuldades locais, as ações da comunidade fatecana têm sido mais no sentido de atender a questões pontuais e surgidas no cotidiano da instituição, do que decorrentes de um plano estratégico institucional ou uma discussão permanente sobre a função social e política da formação para o trabalho.

Comemorar vai além de uma celebração cerimonial. É também, etimologicamente, trazer à lembrança. (Co)memorar é fustigar a memória, não para narrar fatos e permanecer nostalgicamente no passado, mas para ir para o futuro, para entender a linha que vem sendo traçada, refletir sobre ela, e esculpir o que virá de maneira diferente. É compreender o que do passado está atuando o tempo todo no presente em ambos os sentidos, negativo e positivo. Co(memorar) é ativar a memória do que não foi vivido, mas sonhado e imaginado, e fazê-la ganhar realidade. É um ato político sim, mas que não se restringe aos partidos, às repartições, ao repartir-se, ao dividir-se sem criar diferenças positivas. Afinal se é “co” é conjunto, é participação integrada. (Co)memorar, portanto, é ato sócio-político no sentido de buscar multiplicar-se em qualidade, de acumular-se experiências coletivas e não individuais, é ampliar a visão para poder sonhar mais, é expandir os conceitos, do ensino tecnológico, neste caso, enterrando os pré-conceitos e as pré-disposições. (Co)memorar é conectar-se. É uma conexão não para evitar os conflitos, mas para deslocá-los das individualidades, pessoais e institucionais, para não sufocar o vir a ser entremuros. (Co)memorar é sonhar um pouco acordado também, é conectar memória e sonho. Ah, para

além de palavras no papel, como faria bem se o sonho fizesse realmente parte de todo e qualquer plano diretor!

E para finalizar, apresentamos um pouco desses sonhos-desejos para os próximos 10 anos, colhidos dos próprios fatecanos em um caderno para expressões voluntárias. As falas dos sujeitos aqui destacadas, em grande parte, ecoam as expectativas iniciais quanto à implantação da Fatec Jundiaí, algumas cumpridas total ou parcialmente, outras não cumpridas e novas expectativas surgidas neste processo em movimento. Transcrevemos, a seguir, algumas destas falas para que sirvam de reflexão e de inspiração para novos estudos e estratégias institucionais:

Se nos últimos dez anos o mundo se desenvolveu tão rapidamente em uma velocidade assustadora, nos próximos dez anos, com certeza, a evolução será muito mais veloz. Espero que esta faculdade acompanhe tal evolução e se torne referência nacional em qualidade de ensino (H. L. R., discente).

Que nos próximos dez anos haja um incremento dos cursos possibilitando o melhor atendimento às necessidades do mercado e gerando mais oportunidades à população. (G. F., egresso)

Para os próximos dez anos espero que a Fatec Jd encontre-se em melhor situação estrutural . Instalações de aula, administrativas e de uso público devem receber uma melhor atenção (F.J.P., docente)

Precisamos de um local apropriado, aonde a faculdade possa ser ampliada, com ginásio de esportes, acesso a portadores de deficiência, laboratórios para todos os cursos, com os materiais necessários (M.V, discente)

Espero que os nossos alunos sejam reconhecidos profissionalmente no mercado de trabalho e que sejam formadores de opinião, sendo críticos, levantando a bandeira da Fatec Jundiaí, dizendo com orgulho: sou fatecano... (M.C.R., funcionário)

Referências

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org). **Cultura, Saberes e Práticas – memórias e história da educação profissional**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011

DORTA, Lurdes. **Transcrição e vídeo de entrevista concedida às professoras Maria Lucia Mendes de Carvalho, da Cetec, a Dra. Sueli Soares Batista, e a bibliotecária Marinês de Campos Ribeiro, da Fatec de Jundiaí, do Centro Paula Souza**. Biblioteca do Museu dos Ferroviários da Cia Paulista, Complexo FEPASA, Jundiaí, 19 de março de 2012.

CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. São Paulo, Ed. UNESP, Brasília, DF, 2005

GOERGEN, Pedro L. Ética e educação: o que pode a escola?. In: Lombardi, J. C. E Goergen, P. L. (orgs.) **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. São Paulo, Autores Associados, 2005.

GRISPUN, Mirian P. S. Zippin. Educação tecnológica. In: **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. 3a.ed. rev. e ampl. São Paulo, Cortez, 2009.

JORNAL DE Jundiaí. **Inauguração da Fatec Jundiaí**. Edição de 06 de setembro de 2002.

MUSEU DA COMPANHIA PAULISTA. **Acervo Iconográfico**. Museu dos Ferroviários, Complexo Fepasa, Jundiaí, 2012.

PEDROSA, Renato H. L. Um Plano Diretor para o Ensino Superior Público do Estado de São Paulo (2010). **Revista de Ensino Superior**. Disponível em: <http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/noticia.php?id=12>. Acesso em 20 mai. 2012

**O CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM EVENTOS:
A TECITURA¹ DE UMA IDENTIDADE**

Lívia Maria Louzada BRANDÃO²
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – CEETEPS
prof.livia@fatecjd.edu.br

João Carlos dos SANTOS³
Faculdade de Tecnologia de Jundiaí – CEETEPS
engjoac@hotmail.com

*Meu Lunário é a memória de um país que vai passando
diante dos nossos olhos, rindo, mexendo, cantando.
Mestiço, latino, caboclo, nativo.
É velho, é criança, morreu e tá vivo...presente,
mas até quando?
(Antonio Nóbrega).*

RESUMO

O eixo tecnológico **Hospitalidade e Lazer**, do Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, do Ministério da Educação, lista o curso de Eventos como pertencente a esse eixo. Nesse contexto, a Fatec Jundiaí implantou em 2009 o curso Superior de Tecnologia em Eventos e no caminho do curso reelaborou a matriz curricular do projeto pedagógico. Em seu transcurso percebia-se que a questão identitária estava sempre presente. É exatamente disso que trata este artigo. Demonstrar que o curso de Eventos da Fatec Jundiaí chamou para si a construção de uma identidade. Essa questão é vista, então, enquanto processo e nesse enfoque trazemos os *projetos integradores* e o *ato do fazer (o gestor)*; é vista pelo “fio do discurso”. O discurso que permeia o projeto pedagógico do curso. O que se mostrou nesta construção identitária mesmo quando se firma e se reconhece nas instâncias apresentadas é a de um universo marcado pelo dinâmico e, o que se revelou foi a tecitura de uma identidade em constante reconfiguração.

Palavras chave: Eventos. Identidade. Tecnologia.

¹ Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, ABL, 1999: tecitura s. f. “fios que se cruzam com a urdidura”; tessitura s. f. it. “disposição de notas musicais”

² Lívia Maria Louzada Brandão, doutora pela FFLCH- USP, foi coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Eventos à época de sua implantação, 2009 a janeiro de 2012. Profa. nas disciplinas Comunicação e Expressão; Leitura e Produção Textual na Fatec Jundiaí; Gestora do projeto de pesquisa Tecnologia e Cultura/Memória Ferroviária CEETPS- Fatec JD /UNESP Rosana.

³ João Carlos dos Santos, mestre pela FEAGRI-UNICAMP, atual coordenador do Curso de Eventos. Prof. nas disciplinas Estatística e Matemática financeira na Fatec Jundiaí.

ABSTRACT

The axis technological Hospitality and Leisure, the National Catalogue of Colleges of Technology, the Ministry of Education, lists the course of events as belonging to this axis. In this context, Fatec Jundiaí implemented in 2009 the course of Technology and walking events in the course redesigned the curriculum of the education program. In its course realize that the identity issue was always present. This is exactly what this article. Demonstrate that the course of events Fatec Jundiaí called to him to build an identity. This issue is seen, then, as in this case and bring the integrative project approach and the act of doing (the manager) is seen by the "thread of discourse." The speech that permeates the educational project of the course. What proved this identity construction firm and even when it is recognized in instances presented is of a world marked by dynamic and, what was revealed was the weaving of an identity in constant reconfiguration.

Keywords: Events. Identity. Technology.

INTRODUÇÃO

O Curso Superior de Tecnologia em Eventos, Centro Paula Souza, foi implantado e oferecido, pela primeira vez, em processo seletivo, vestibular, no primeiro semestre de 2009, na FATEC JUNDIAÍ.

Um curso de Tecnologia para ser implantado requer, entre outros requisitos, que se apresente à Coordenadoria do Ensino Superior do Centro Paula Souza um estudo socioeconômico da região e os resultados das discussões que envolvam tanto o pessoal interno, da academia, quanto o externo, que são os profissionais de empresas representativas do setor. A partir disso é possível eger um perfil que será traçado em função das competências profissionais que serão desenvolvidas pelo currículo oferecido. O perfil proposto será de um profissional apto a atuar num mercado de alta competitividade e dinamicidade, isto é, em constante mutação. A esse profissional caberá lidar não apenas com as variações socioeconômicas como as socioambientais, diretamente vinculadas ao seu âmbito de atuação.

À época de sua implantação havia pouca clareza entre Eventos e Turismo. O que, normalmente, corroborava para isso era o fato de Eventos ser disciplina no curso de Turismo e, assim, a relação estabelecida foi daquele subordinado a este. O projeto pedagógico inicial do curso não escapou a essa visão e isto se constata logo no início de seu texto. Para justificar a implantação do curso recorreu-se a importância do turismo “*oportunidades de produção e trabalho em nosso país*”; foram também citadas novas modalidades de turismo e, de forma especial, o *turismo de negócios*.

Não será necessário deter-se mais no levantamento dos aspectos positivos do turismo, de sua importância no quadro futuro das oportunidades de produção e trabalho em nosso país; além da imprensa quase diária, revistas especializadas em negócios têm produzido farto material sobre esse tema. [...] Nesse quadro, apresentam-se, a seguir, as idéias sobre o **curso de Eventos em Negócios** que a FATEC Jundiaí pode oferecer (CESU- PROJETO PEDAGÓGICO, 2009, grifo nosso).

No item “Competências Gerais e Específicas” do Projeto Pedagógico, tanto na primeira versão quanto a versão reestruturada de 2010, que trata das competências que o

curso deverá desenvolver com a finalidade de atingir o perfil profissional desejado, percebe-se, principalmente nas competências profissionais específicas, o quanto a área de Eventos é multifacetada (Quadro 1). Isto foi também detectado nos conceitos de eventos, logo abaixo, e quão diversificado ele pode ser abordado: do ponto de vista do conceito, do marketing, do serviço, da tipologia, do ato social.

Quadro 1 – Competências gerais e específicas dos profissionais da área de Eventos

Competências Gerais dos Profissionais	Competências Profissionais Específicas
<ul style="list-style-type: none"> • Incorporação de valores tais como responsabilidade e senso de justiça para com a sociedade, além de ética humana e profissional; • Formação humanística e cultural capaz de garantir-lhe a compreensão dos vários aspectos interdependentes do meio social, político e econômico em que vive e a orientação para tomar decisões; • Formação tecnológica e científica para atuar na área de sua formação, articulando-se com o quadro mundial, nacional e regional de ações em eventos; • Conhecimentos que o capacitem a atuar no setor de seu mercado, mostrando liderança; • Capacidade empreendedora, com visão crítica e prognostica das organizações; • Consciência da importância e da necessidade do aperfeiçoamento profissional contínuo e do desenvolvimento da autoconfiança; • Capacidade de desenvolver visão: criativa, crítica e reflexiva da realidade com que lida; • Capacidade de comunicação interpessoal seja na língua materna seja em línguas estrangeiras, agindo de modo efetivo nas situações de comunicação exigidas no trabalho com o universo do turismo; • Interesse para as atividades de docência e pesquisa, na área de sua formação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento, organização e gestão de feiras e exposições; • Realização de “inventário” de oportunidades e criação de novas áreas de negócios; • Realização de estudos de viabilidade econômica dos eventos de negócios; • Estruturação e efetivação de acordos de patrocínio e cooperação entre organizações e entidades; • Orientação e acompanhamento de aspectos legais ligados ao turismo de negócios; licenças de importação / exportação; amostras, interação para exposições e feiras; • Divulgação e venda de eventos de negócios e semelhantes; • Elaboração de planos e gestão de ação de marketing ligados ao turismo internacional e de produtos turísticos; • Administração de vendas de produtos turísticos; • Propaganda e publicidade (comunicação) internacional para eventos de negócios; • Planejamento e operação de canais de distribuição / revenda de produtos; • Elaboração de estudos de mercado e pesquisas de comportamento de eventos; • Gerência de produtos e serviços de turismo internacional; • Planejamento, organização de visitas, recepção, acompanhamento e orientação de indivíduos e grupos nacionais e estrangeiros; • Estabelecimento da interface entre grupos estrangeiros e os meios de comunicação; • Organização de eventos restritos entre grupos e organizações; • Orientação da elaboração de roteiros e programas turísticos; • Orientação e acompanhamento de providências legais; • Elaboração de estudos de mercado e pesquisas de comportamento de eventos; • Gerência de produtos e serviços de turismo internacional

Fonte: adaptado de CESU (2010)

Também aqui, nas competências específicas encontramos o item “Orientação da elaboração de roteiros e programas turísticos”, “Gerência de produtos e serviços de turismo internacional”, confirmando o entrelaçamento de eventos e turismo. Ainda hoje o curso Eventos se confunde com o curso de Turismo. Uma parte dessa confusão foi minimizada a partir da publicação do novo Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia, do Ministério da Educação, através de sua Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2010. No catálogo os cursos inseridos no Eixo Tecnológico **Hospitalidade e Lazer** são: Eventos, Gastronomia, Gestão Desportiva e de Lazer, Gestão de Turismo, Hotelaria.

Passados os três anos, com o curso devidamente reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação, Deliberação nº99/2010, publicado em Diário Oficial na data de 07 de outubro de 2011, podemos, hoje, afirmar que em todo o seu transcurso havia uma

intensa necessidade de atribuir ao curso uma identidade própria. É exatamente disso que trata este artigo, demonstrar que o curso de Eventos da Fatec Jundiaí chamou para si a construção de uma identidade. E que o curso foi tecido, exatamente, no que tange às competências gerais do profissional bem como as específicas, nomeadas no próprio projeto pedagógico. Isto de fato se materializou como veremos adiante.

1. EVENTOS

A palavra evento, em latim *Eventus*, significa *acontecimento, bom êxito, bom resultado*, significados otimistas; como também traz no mesmo verbete *desventuras, reverses e desastres*, significados negativos. Quando se procura o conceito de evento, na literatura especializada, encontra-se uma gama de definições. A multiplicidade e diferentes abordagens é fruto da própria dinâmica da sociedade que ao ditar valores acaba por criar necessidades que vão refletir na geração de diferentes eventos.

Assim, evento pode ser concebido como a soma de esforços e ações planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos junto ao seu público alvo, segundo a visão de Brito e Fontes (2010). Segundo Andrade (1999, p.117). “*Evento é uma atividade dos mais diferentes tipos, reunindo pessoas*”. De acordo com Melo Neto (2003, p.20) é qualquer fato que pode gerar sensação e, por isso, ser motivo de notícia tanto de cunho externo como interno, apresenta, então, as seguintes características: a) evento como um fato; b) evento como um acontecimento que gera sensação; c) evento como notícia. Na visão de Zitta (2011) “*Evento é um acontecimento onde se reúnem diversas pessoas com os mesmos objetivos e propósitos sobre uma atividade, tema ou assunto*”. Além dessas conceituações Eventos também é visto, sob outros prismas.

Podemos vê-lo enquanto produto. Nessa ótica, segundo Canton (2001) é preciso levar em conta todos os princípios de análise aplicáveis ao produto: “*oferta, demanda, comportamento do consumidor, estratégias de comunicação e marketing, estratégias de produção e consumo*”.

Quando visto enquanto tipologias, aliam estilos e qualidades a investimentos compatíveis aos seus propósitos. Nesse sentido, Canton (2001) enumera os seguintes eventos: *congressos, assembleias, cursos, seminários, conferências, feiras, exposições, coquetéis, desfiles, inaugurações, leilões, torneios, cerimônias, etc.* Eventos pode também ser visto, segundo a autora, enquanto prestação de serviços entendido como ato ou ação realizado pelo profissional para uma clientela específica.

Serviços constituem uma transação realizada por uma empresa ou um empresário, cujo objetivo não está associado à transferência de um bem, mas sim de um serviço como um ato, uma ação, um esforço, um desempenho a ser oferecido para uma clientela segmentada previamente (CANTON, 2001, p.305).

O que se está considerando sob esse prisma como importante é o profissional e sua ação profissional. Mais do que um bom planejamento, uma boa organização, controle de tarefas e boa implantação do projeto por parte do profissional de eventos ou da empresa organizadora contratada, há que se ter em mente que a realização de um evento é um ato social, realizado para pessoas *que não compram produtos, mas expectativas*.

2. A TECITURA DE UMA IDENTIDADE

Há um ponto comum, na conceituação de eventos, abordado pelos diferentes autores acima citados, que é exatamente aquele de reunir diferentes pessoas em torno de uma temática, de uma atividade ou assunto.

Foi exatamente o conceito de *reunião de pessoas* o mote para o **1º Fórum em EVENTOS na Fatec Jundiaí**, no dia 01 de setembro de 2009. Porém é preciso esclarecer o objetivo: ouvir diferentes profissionais que atuavam na área e reelaborar a matriz curricular do curso. E assim foi feito. Tivemos como convidados: **David Rodrigues Poit**, vice-diretor da Faculdade de Educação Física de Jundiaí, professor e autor de livros em Eventos Esportivos; o chefe do cerimonial público da Prefeitura Municipal de Jundiaí, **Tadeu Mantovani**; o produtor cultural **Daniel Busanelli**, da *Fare*; na área da gastronomia contamos com a Chef **Maria de Nino**, do *Menu a Tróis*; a secretária de Turismo da cidade de Itupeva, Circuito das Frutas, **Walmércia Poli**; o professor **Pedro Rossi** e **José Arnaldo de Oliveira**, sociólogo e jornalista do *Bom Dia*.

Do diálogo, recebemos lições de humildade e profissionalismo. Planejar, planejar, planejar, ter jogo de cintura para superar as falhas, lidar com egos descontrolados... . Desse encontro, surgiu a reformulação da matriz que foi encaminhada à CESU, do Centro Paula Souza.

“Evento é qualquer fato que pode gerar sensação”. Sensação não é sensacionalismo. Estamos falando de impressões físicas, sensoriais causadas por acontecimentos, de comoção moral, de emoção. De formação humanística e cultural, de formação tecnológica e científica levando o tecnólogo em Eventos atuar na área de sua formação de tal forma que saiba articular os quadros mundial, nacional e regional. E é aqui que o nosso corpo docente faz toda a diferença, porque com eles os nossos alunos construíram os projetos de pesquisa. E assim surgiram os **projetos integradores**⁴. Esses trabalhos foram desenvolvidos já no 1º semestre do curso através de um tema, envolvendo de forma conjunta professores e alunos.

Ao longo do primeiro semestre de 2009, coube a primeira turma do curso o tema **Resgate e investigação de potencialidades em eventos na região de Jundiaí/São Paulo**. Os trabalhos foram apresentados ao final do semestre para todos os professores do curso, no auditório da faculdade. Do conjunto de trabalhos foram selecionados três deles que participaram da 3ª Feira Tecnológica do Centro Paula Souza. No segundo semestre de 2009, com a entrada da 2ª turma no curso de Eventos demos continuidade aos trabalhos. Para a primeira turma do curso, que passava para o segundo semestre de 2009 coube a continuidade do tema: **Aplicabilidade das Potencialidades em Eventos na cidade de Jundiaí e região para a copa de 2014**.

E assim, os nossos trabalhos de pesquisa se transformaram em *Eventos como notícia* quando fomos convidados para um “**Café da manhã**”, com o **prefeito de Jundiaí**, conforme mostrado nas figuras 1 e 2.

⁴ Os Projetos Integradores foram realizados durante o ano de 2009. Fizeram parte do projeto os professores: Ms. Diane Andréia de Souza Fiala, Ms. Emerson Freire, Dra. Livia Maria Louzada Brandão, Ms. Marianna Lamas Ramalho, Ms. Solange Chagas do Nascimento Munhoz, Dra. Sueli Soares dos Santos Batista.

Figura 1_ - Café da manhã com prefeito



Fonte: ALMEIDA (2012)

Figura 2 - Apresentação



Fonte: ALMEIDA (2012)

Naquela ocasião, além do caráter político, do encontro, os alunos apresentaram atividades desenvolvidas em sala de aula, conforme consta no texto publicado por Cleber de Almeida, em 01 de dezembro de 2009:

:

A edição do projeto Café da Manhã com o Prefeito desta terça-feira (1º) contou com a participação de professores e alunos do curso de Eventos da FATEC (Faculdade de Tecnologia), que aproveitaram a oportunidade para apresentar projetos desenvolvidos no decorrer dos semestres acerca das potencialidades do município de Jundiaí para a opa do Mundo de 2014. Além do prefeito Miguel Haddad, o encontro contou com a presença do vice-prefeito, Luiz Fernando Machado, do secretário de Educação, Francisco José Carbonari, do secretário de Governo e Comunicação, Carmelo Paoletti, do secretário de Agricultura e Abastecimento, Jorge Yatim, Os alunos fizeram a apresentação dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula (ALMEIDA, 2012).

O crescimento do curso semestre a semestre envolvia de forma conjunta o aumento efetivo de alunos e de novos professores que entravam para compor o quadro docente. Nesse contexto, a questão da prática em eventos ganha maior ênfase. A proposta dos projetos integradores se interrompe e ganha corpo o projeto que tem por objetivo: o planejar, o organizar e o realizar eventos no espaço da faculdade. O primeiro projeto nesse sentido é **SUSTENTEC 2010**, Evento de Tecnologia e Sustentabilidade, realizado em 29 de maio, pela turma do 1º semestre do referido ano, sob orientação da Profa. Diane A.S Fiala.

O evento teve como fator inovador a distribuição das atividades desenvolvidas pelos alunos por todo o Complexo FEPASA, o que incluíam os galpões das antigas oficinas da Companhia Paulista e a sala do relógio da Biblioteca e Museu. Ao se olhar a planilha abaixo, já se pode antever o que viria a ser o espaço de prática do curso Eventos. Neste, o primeiro a ser realizado e que moldaria os futuros, os espaços por onde as atividades seriam realizadas foram nomeados. Porém, nem tudo são flores. Os galpões estavam imundos, o que tornou a tarefa hercúlea. A comunicação entre equipes não se processava como o desejado e a data escolhida foi um sábado; o público ficou bem abaixo do esperado.... Disso restaram lições.

O evento foi realizado dia 29/05/10 com abertura oficial ao público das 09h00 às 15h00, conforme demonstra o Anexo A. .

O evento Sustentec 2010 veio consolidar no curso o ato do fazer (o gestor) o que incluía o decidir e agir em situações previstas e imprevistas, rotineiras e inusitadas e, logo, alunos dos semestres solicitavam junto a professores a realização de outro evento.

Em reunião, na coordenação de Cursos, no dia 17 de agosto de 2010, nascia a 1ª edição da **Semana de Pequenos Eventos** a ser realizada no período de 08 de set. a 10 set. de 2010. A elaboração do projeto ficou a cargo do prof. Galileo de Souza Schioser. O texto do projeto, em seus objetivos propunha:

O trabalho a ser realizado visa proporcionar aos acadêmicos do curso superior de Tecnologia em Eventos da Fatec Jundiaí a oportunidade de obter uma visão mais ampla e consciente da importância dos conteúdos ministrados e da inter-relação entre eles. Deste modo, possibilitará aos nossos alunos um melhor aproveitamento dos conhecimentos que lhes são transmitidos cotidianamente. Na oportunidade, serão aplicados os conhecimentos das disciplinas do semestre em questão, promovendo a sua aplicabilidade prática em situações reais (SCHIOSER, 210, grifo nosso).

Apresentava em sua metodologia a proposta interdisciplinar e para a realização desta proposta, cada semestre ficava sob orientação de um professor e assim a comunicação ocorreria tanto na horizontalidade (alunos/alunos; alunos/professor) quanto na verticalidade (professor/ professor; professor/ coordenação).

O trabalho será desenvolvido por grupos de alunos (dois grupos por semestre), que realizarão seis pequenos eventos com duração de 1h30 para cada evento. A proposta de cada evento será coordenada pelos professores das respectivas disciplinas do semestre correspondente, os quais desenvolverão de forma interdisciplinar o tema objeto do evento e prestarão orientação aos acadêmicos, bem como avaliarão o desempenho individual, que fará parte da nota. (SCHIOSER, 210, grifo nosso).

No item, sistema de avaliação, a critério de cada professor, o texto do projeto ressaltava “para facilitar a fixação dos temas, os docentes devem utilizar as ementas relativas às disciplinas do respectivo semestre”. E mais a frente, no mesmo item propunha: “Para que haja um parâmetro, o professor poderá usar o seguinte critério de avaliação, para verificar o trabalho desenvolvido pelos grupos em duas dimensões distintas: a) Teórica; b) Prática. A dimensão teórica envolvia a escritura de um projeto e todas as questões pertinentes a ele; a prática como execução do próprio evento (Anexo B)..

A 2ª edição da Semana de Pequenos Eventos ocorreu entre os dias 02 a 06 de maio de 2011 e entrou para o calendário escolar, porém, em reunião geral ficou decidido que sua realização deveria acontecer uma vez ao ano, preferencialmente, entre os meses de abril e maio. Estamos, hoje, na 3ª edição da Semana de Pequenos Eventos que foi realizada de 16 a 20 de abril de 2012.

CONCLUSÃO

A trajetória exposta acima vem confirmar e validar o como o curso de Eventos chamou para si a construção de uma identidade. Os fios foram múltiplos: Projetos integradores, Sustentec, Pequenos eventos. Mas foram exatamente esses fios que desenharam um curso, a princípio que se alicerçava sob a força do turismo de negócio, passando de Eventos em Negócios a Eventos e, ao final, acabando por imprimir em si o selo de **GESTOR**.

Reconhecemos aqui a questão identitária como processo a ser observada por ângulos diversos. E essa questão passa pela própria natureza de eventos cuja geração é diversificada. Reconhecemos essa questão também pelo “fio do discurso”, porém a identidade não se constrói apenas a partir do projeto pedagógico. Melhor dizendo, se de um lado, as competências gerais e as específicas nortearam o ato do fazer, (gestor) de outro; foi pelo “fio do discurso” que se apreendeu o quanto a identidade que se firma é também aquela que escapa.

Não basta mais uma competência profissional que “implica um fazer intencional, sabendo por que se faz de uma maneira e não de outra”, ou ainda, “saber que existem múltiplas formas ou modos de fazer”. A questão da identidade se projeta para além quando se firma e se reconhece em seus projetos de pesquisas e consegue harmonizar, e não banalizar, a Teoria e Prática. Foram os projetos integradores que construíram a ponte necessária; porém, foram os eventos gestados que caminharam por essa mesma ponte. Por fim, neste universo marcado pelo dinâmico, o que se revelou foi uma identidade em constante reconfiguração.

Referências

ALMEIDA, Cleber de (2009). **Café da manhã com o prefeito de Jundiaí**. Disponível em: www.jundiaí.sp.gov.br. Acesso em 20 mai. 2012

ANDRADE, Renato Brenol. **Manual de Eventos**. Caxias do Sul, RGS: Educ, 1999.

BRITO, Janaina; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

CANTON, Antonia Marisa. Eventos. In. ANSARAH, M.G.R. (org.) **Turismo. Como aprender. Como ensinar**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CESU /Coordenadoria de Ensino Superior de Graduação do CENTRO PAULA SOUZA. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Eventos**. São Paulo, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves et. al.(org.) **Sujeito, Identidade e Memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Marketing de eventos**. 4ªed. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 2003.

NOBREGA, Antonio. Lunário Perpétuo. **Brincante Produções Artística**, Manaus: Sonopress, Compact Disc Digital áudio.

SCHIOSER, Galileo de Souza. **Elaboração do projeto da Semana de Pequenos Eventos**, Coordenação de Cursos, Fatec Jundiaí, 2010.

ZITTA, Carmem. **Organização de eventos – da ideia à realidade**. Brasília, DF: SENAC, 2011.

ANEXO A – SUSTENTEC

PROGRAMAÇÃO POR ESPAÇOS FÍSICOS

- **ESPAÇO ALTERNATIVO**

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: Ônibus movido a hidrogênio (EMTU)

Descrição: exposição de ônibus ecológico

Horário: 10h00 às 12h00

Atividade: oficina de alimentação alternativa

Descrição: o objetivo é informar e proporcionar conhecimentos mais aprofundados sobre os alimentos em geral, seu preparo, valor nutritivo e aproveitamento de todas as suas partes.

Horário: 12h30 às 14h30

Atividade: oficina de alimentação alternativa

Descrição: o objetivo é informar e proporcionar conhecimentos mais aprofundados sobre os alimentos em geral, seu preparo, valor nutritivo e aproveitamento de todas as suas partes.

- **ESPAÇO ALIMENTAÇÃO**

Horário: 9h00 às 15h00

Atividade: Venda de Alimentos e Bebidas

Descrição: Praça de Alimentação

- **ESPAÇO MAKING OFF**

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: exposição making off

Descrição: despertar o interesse sobre o desenvolvimento de um evento sustentável

- **ESPAÇO DO SABER**

Horário: 09h00 às 13h45

Atividade: inscrições para as palestras

Descrição: As inscrições têm a finalidade controlar e supervisionar o acesso das pessoas nas palestras.

Horário: 10h00 às 11h00

Atividade: palestra reciclagem de pneus

Descrição: Informar sobre a resolução 258/99 do CONAMA, que indica como responsáveis os fabricantes e importadores de pneumáticos a dar fim ambientalmente correto aos seus pneus inservíveis, e tudo que se pode fazer com a reciclagem desse material, inclusive asfalto.

Horário: 11h00 às 12h00

Atividade: palestra coleta seletiva

Descrição: Conscientizar da necessidade de separar o lixo orgânico e reciclado. Ensinar como separar esse material em residências, escritórios, escolas, etc. Desenvolver o conceito geral de reciclagem.

Horário: 12h00 às 13h00

Atividade: palestra sobre inclusão digital de pessoa portadora de deficiência

Descrição: Sugestão quanto a utilização de tecnologia / informática para facilitar a inclusão e equiparação de oportunidades na sociedade, para grande parcela da

população brasileira constituída por crianças, idosos, analfabetos, pessoas com limitações físicas, sensoriais, motoras, a fim de também poderem exercer sua cidadania.

Horário: 13h00 às 14h00

Atividade: palestra do DAE

Descrição: Conscientizar sobre a importância da preservação dos recursos naturais e o uso racional da água tratada.

- **ESPAÇO AUDITÓRIO**

Horário: 13h00 às 15h00

Atividade: palestra Linux Day

Descrição: Palestra do prof^o Schuster

- **ESPAÇO FASHION**

Horário: 11h00 às 12h00

Atividade: Desfile de Moda

Descrição: Apresentação de roupas confeccionadas pela ONG Plastvida, com materiais reciclados.

Horário: 13h00 às 14h00

Atividade: Reapresentação desfile de Moda

Descrição: Apresentação de roupas confeccionadas pela ONG Plastvida, com materiais reciclados.

- **ESPAÇO CAMINHO DA MEMÓRIA**

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: exposição dos ferroviários

Descrição: consiste em apresentar um pouco da história da ferrovia e homenagear os ferroviários jundiaenses já que o dia 29 de maio é o dia do ferroviário jundiaense.

- **ESPAÇO DA ALEGRIA**

Horário: 10h00 às 14h00

Atividade: oficina de confecção de brinquedos

Descrição: visa desenvolver junto à criança a imaginação criadora, o estilo pessoal de expressão artística, a estética e a sensibilidade, utilizando a confecção de brinquedos como sucata e materiais recicláveis.

Horário: 9h00 às 15h00

Atividade: recreação infantil

Descrição: confecção de cartazes com o público infantil e pintura facial.

- **ESPAÇO MIX**

Horário: 9h00 às 15h00

Atividade: *Stand* Projetos Premiados

Descrição: *Stand* de projetos premiados das Fatecs e/ou Etecs.

Horário: 9h00 às 15h00

Atividade: *Stand* Coleta de Lixo Tecnológico

Descrição: *Stand* de coleta de lixo tecnológico e óleo

Horário: 09h00h às 15h00

Atividade: exposição da Etec's e/ou Fatec's

Descrição: Mostrar os projetos premiados com relação à sustentabilidade e tecnologia feitos pelos alunos

Horário: 10h00 às 11h00h

Atividade: Recreação (Teatro)

Descrição: Apresentação Teatral (da Zoonose) sobre reciclagem e meio ambiente.

- **ESPAÇO CULTURAL**

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: *Stand* Materiais Recicláveis

Descrição: Amostra de materiais recicláveis e vídeos

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: sala de vídeo e exposição de alunos

Descrição: Consiste em apresentar os vídeos feitos pelos alunos juntamente com o material produzido

- **ESPAÇO TIRA DÚVIDAS**

Horário: 09h00 às 15h00

Atividade: Balcão de Informações

Descrição: Informações gerais aos participantes do evento

ANEXO B – SEMANA DE PEQUENOS EV ENTOS (2010)

PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DE PEQUENOS EVENTOS

<p><i>Dia 08/09/2010 (Quarta-Feira)</i></p>	<p>7h30 às 8h55</p> <p>Copa do Mundo e Olimpíadas no Brasil: é hora de se preparar para o mercado de eventos, turismo e hospitalidade.</p> <p><i>Palestrante: Ana Lívia Reis da Silva (SENAC)</i></p>	<p>2 ° Semestre (Grupo A)</p> <p>LOCAL: AUDITÓRIO</p>
	<p>9h05 às 10h30</p> <p>ESPAÇO ANAPSYCHIS</p>	<p>4 ° Semestre (Grupo A)</p> <p>LOCAL: AUDITÓRIO, SALA DE ESTUDO</p>
<p><i>Dia 09/09/2010 (Quinta-Feira)</i></p>	<p>7h30 às 8h55</p> <p>IMPLANTAÇÃO DO SELO FCS</p> <p><i>Palestrante: César Paffaro</i></p> <p><i>(Litografia Bandeirantes)</i></p>	<p>3 ° Semestre (Grupo A)</p> <p>LOCAL: AUDITÓRIO</p>
	<p>11h às 11h40</p> <p>PROGRAMA ALIMENTE-SE BEM.</p> <p><i>Palestrante: Karina Victor de Souza</i></p> <p><i>(SESI)</i></p>	<p>1 ° Semestre</p>
<p><i>Dia 10/09/2010 (Sexta-Feira)</i></p>	<p>7h30 às 8h55</p> <p>UMA MANHÃ EM VEGAS</p>	<p>4 ° Semestre (Grupo B)</p> <p>LOCAL: AUDITÓRIO)</p>

9h05 às 10h30

HAPPY GOURMET.

*Palestrante: **Sandra Romancini***

(chefe cozinha internacional)

2 ° Semestre (Grupo B)

LOCAL: AUDITÓRIO

10h40 às 12h05

**SUSTENTABILIDADE
DO PLANETA E USO
CONSCIENTE DA
ÁGUA.**

3 ° Semestre (Grupo B)

LOCAL: AUDITÓRIO

*Palestrantes: Júlio César
Lamarca, Humberto
Martínez Garcia*